

Mensagem

BOLETIM DO INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS



ANO 1990

•

ABRIL

•

NÚMERO 7



조선의 어머니
우리들의 어머니



Nossa Senhora de Coréia

Editorial



Em resposta às palavras que lhe foram dirigidas pelo Irmão Gildo, diretor do Instituto, o Santo Padre pronunciou a alocução seguinte:

Alegro-me ao saudá-los, prezados Irmãos Maristas, professores, pais, alunos e ex-alunos do Instituto São Leão Magno.

Saúdo também o Cardeal Ugo Poletti, o Bispo auxiliar deste sector e agradeço o diretor, Irmão Gildo, pelas palavras carinhosas que me dirigiu.

Foi de muita boa vontade que aceitei o convite de vir aqui, por ocasião do centenário de fundação de seu Instituto, que começou em 1887, sob a direção dos Irmãos Maristas, em resposta ao plano pastoral traçado por Pio IX e continuado por Leão XIII cujo nome lhe foi dado.

Nesta feliz circunstância, quero expressar-lhes meus sentimentos de estima e afeto por sua escola. A seriedade dos estudos e a eficácia dos métodos educativos a colocam entre as instituições católicas mais apreciadas e consideradas da diocese de Roma.

Ao evocar o bem realizado durante esses cem anos de existência, faço-me um dever de pensar nos beneméritos Irmãos Maristas. Sua dedicação generosa acha inspiração na figura genial do Fundador, o Bem-aventurado Marcelino Champagnat, do qual estamos comemorando o bicentenário de nascimento. Sustentado por sua confiança ilimitada na Santíssima Virgem, quis fundar a comunidade religiosa dos Irmãos Maristas para a educação dos jovens, em momento particularmente difícil para a França, como foi o período que se seguiu à Revolução.

Foi por esse motivo que, no projeto educativo, incluiu o dever de inculcar a devoção à Santíssima Virgem aos alunos, como meio de amar e servir Jesus mais perfeita e facilmente.

A todos os que estão presentes, quero apresentar um desejo profundo: que todos possam formar sempre uma comunidade que participe realmente na missão educativa da Igreja, que todos: professores, Irmãos, pais e alunos formem uma família unida e corresponsável no exercício da atividade tão delicada que visa formar homens honestos e cristãos coerentes.

Sua escola oferece um programa vasto e completo, aceito pelos alunos e pelas famílias; está expresso no projeto educativo com as palavras dos jovens eles próprios: «Pedimos à escola que nos ajude

a adquirir princípios seguros e que fortifique nossa vontade, para que sejamos capazes de dar à sociedade o testemunho de nossa vida cristã.»

Compartilho sua aspiração, caros jovens, quero expressar-lhes minha confiança e espero que a possam pôr em prática.

Permaneçam ligados a sua escola, apreciem-na e considerem-na como um centro de formação para a vida, na qual a oração, a instrução e a disciplina se entrelacem a fim de que se tornem jovens bem formados: sadios, fortes, cristãos convictos, responsáveis, capazes de desempenhar um papel importante na construção de uma sociedade melhor.

Confio-os ao Cristo: «Caminho, Verdade e Vida», a sua Mãe Maria, à intercessão do Bem-aventurado Marcelino Champagnat e concedo a todos, aos responsáveis, aos colaboradores da escola, bem como aos pais, minha bênção apostólica.

Encontro do Papa com os educadores e os alunos do Instituto São Leão Magno em Roma, em 5 de novembro de 1989.

Osservatore Romano, 20 de novembro de 1989

Uma família unida e engajada na formação de homens honestos e cristãos coerentes.

Sumário

EDITORIAL: Discurso do Papa (S. Leone M.) . . .	1	CRÔNICAS DO MUNDO MARISTA	29
TEMAS MARISTAS	3	– Visita do Papa ao Instituto São Leone M. (Roma)	30
– Experiência marial do Instituto a partir das Constituições (Ir. Alain D.)	4	– A missão marista em Gana (Ir. Michael Oruchel)	32
– A Causa do Pe. Champagnat - Continuação. (Ir. Agustín Carazo)	6	– Plano de educação da fé e a justiça «O pobre é meu irmão» (Ir. Néstor Quiceno)	36
– A Missão educacional das escolas maristas. (Estados Unidos)	10	– Abertura oficial do C.M.I. Nairobi (Quênia). (Ir. Luís Garcia Sobrado)	42
– O caráter peculiar dos colégios maristas de Espanha	12	– 5º Encontro de Irmãos escolásticos da Espanha e da Itália (Ir. Eugênio Sanz)	44
– O Irmão Élie-Régis: um talento em controvérsias	15	Presença marista em Nicarágua (Ir. José M.ª Ferrel)	46
A VIDA DAS PROVÍNCIAS	18	ATENÇÃO AOS APELOS DA IGREJA	50
– A Província das Filipinas (Ir. Renato Cruz)	19	– Exortação apostólica <i>Redemptoris Custos</i>	51
– Província de Madagascar (Ir. Emm. Ramaroson)	23	– A pastoral vocacional (<i>Mensagem do Santo Padre</i>)	53
– Coréia: nasce um distrito (Ir. Alfonso Wimer)	26	Nossos defuntos	55



TEMAS MARISTAS

- *Experiência marial do Instituto a partir das Constituições (Ir. Alain).*
- *A Causa do Padre Champagnat. - Continuação (Ir. Agustín Carazo).*
- *A Missão educacional das escolas maristas (Estados Unidos).*
- *O caráter peculiar dos colégios maristas da Espanha.*
- *O Irmão Élie-Régis: Um talento em controvérsias.*

EXPERIÊNCIA MARIAL DO INSTITUTO

a partir das Constituições

É possível afirmar, a partir do nome que o Fundador nos deu: Pequeno Irmão de Maria, e, à luz de nossa história, que a *experiência marial está no coração da vida do Instituto*. É principalmente citando as Constituições que fundamentarei esta afirmação.

Depois de Marcelino Champagnat, o Espírito Santo, que nos faz compartilhar e continuar seu carisma, convida-nos a SEGUIR O CRISTO, COMO MARIA (C.3). Esta afirmação fundamental está precisada no artigo intitulado «Espírito marial» que diz o seguinte:

«Dando-nos o nome de Maria, o Padre Champagnat quis que vivêssemos do seu espírito. Convencido de que ela tudo fez entre nós, chamava-a Recurso Habitual e Primeira Superiora.

Contemplamos a vida de nossa Mãe e Modelo para impregnar-nos de seu espírito. Suas atitudes de perfeita discípula de Cristo inspiram e pautam nossa maneira de ser e de agir.

Havendo Deus dado seu Filho ao mundo por Maria, queremos torná-la conhecida e amada como caminho que leva a Jesus. Atualizamos assim nosso lema: Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus» (C.4).

Este artigo 4 do Capítulo I sobre «a identidade dos Irmãos Maristas na Igreja» resume nosso ideal de vida. Mostra que nosso seguimento do Cristo passa por aquele da «perfeita discípula» e que nossa atividade apostólica pauta-se no caminho marial.

A seguir, a leitura das Constituições apenas ressalta esta nota marial. Desta maneira, a humildade, a simplicidade e a modéstia, qualificadas como virtudes mariais, «imprimem autenticidade e benvolência a nossas relações com os Irmãos e com aqueles com quem nos relacionamos» (C.5).

«A espiritualidade legada por Marcelino Champagnat é marial e apostólica... Como para Maria, Jesus é tudo em nossa vida. Nossa ação, como a de Maria, permanece discreta, dedicada, respeitosa para com as pessoas» (C.7).

«Formamos Comunidade em torno de Maria, nossa boa Mãe, como membros de sua família» (C.9).

«Maria, escolhida por Deus para lhe pertencer totalmente, é o modelo de nossa consagração» (C.18). Seguindo o exemplo e as instruções do Fundador, estamos persuadidos de que Maria é a origem de nosso apelo e «a comunidade considera o Irmão jovem como graça de Deus e atenção de Maria» (C.53).

O caráter marial da prática dos conselhos evangélicos é igualmente notável:

Castidade: «Recebendo-a em nossa casa, aprendemos o modo de amar as pessoas e nos tornarmos, por nossa vez, sinais vivos da ternura do Pai. De cora-

ção aberto e disponível, acolhemos os jovens que nos são confiados. Maria inspira-nos resposta gratuita a seus apelos constante solicitude para com eles» (C.21).

Pobreza: «O Magnificat revela-nos o coração de Maria que, com os pobres de Israel, põe sua confiança na fidelidade do Senhor... Com ela, deixamos que se desfaçam, progressivamente, as amarras terrestres, consoante a vontade purificadora do Senhor que molda em nós um coração pobre» (C.30).

Obediência: «A vida inteira de Maria é o prolongamento de seu FIAT. Por sua obediência, torna-se Mãe de Deus e coopera na missão redentora de seu Filho. Ela é bem-aventurada porque ouve e cumpre a palavra do Senhor.

Irmãos Maristas, aprendemos na escola da Serva do Senhor e respondemos a seu convite: «Fazei tudo o que ele vos disser.» Dela aprendemos docilidade ao Espírito e obediência lúcida e corajosa» (C.38).

É a presença reconhecida de Maria que ajuda a comunidade a viver fraternalmente. Como Maria, na Visitação e em Caná, os Irmãos estão atentos às necessidades da comunidade e do mundo, e, como ela em Nazaré, levam vida simples e laboriosa (cf. C.48).

É ela também nosso modelo de oração.

«Virgem da Anunciação; Maria acolhe a palavra de Deus. Mulher bendita entre todas, exulta de alegria em Deus, seu Salvador. Serva fiel, ela vive seu SIM até a Cruz. Mãe, confronta em seu coração as ações do Filho com as palavras da Escritura. Em Caná, ela intercede e, no Cenáculo, reza como Igreja.

Irmãos Maristas, orando com Maria, comungamos de seu louvor, de sua ação de graças, de sua intercessão» (C.67).

Depois de nos ter dado em Maria um modelo de oração, nossas Constituições precisam que «Nosso culto marial, como o da Igreja, exprime-se pelo amor, a confiança e admiração; e tende à imitação de Maria em suas atitudes para com Deus e para com os homens.

A exemplo do Padre Marcelino Champagnat, vamos a Maria como a criança vai a sua mãe» (C.74).

Nosso apostolado desenvolve-se irradiando a presença marial: «Maria, educadora de Jesus em Nazaré, inspira nossas atitudes para com os jovens. Nossa ação apostólica é participação em sua maternidade espiritual» (C.84).

Segue-se a lembrança das diversas atitudes mariais que o educador deve esforçar-se de manter no relacionamento com os jovens: discrição, simplicidade, entusiasmo, paciência, atenção, caridade, fidelidade.

O Irmão, no trabalho apostólico, deve «orientar o coração dos jovens para Maria, a perfeita discípula de Cristo; fazê-la conhecida e amada como caminho para ir a Jesus». Ao mesmo tempo que confia a Maria os que estão a seu encargo, convida-os a rezar muitas vezes a essa «Boa Mãe» e a imitá-la (C.84).

Por fidelidade à tradição marista, assegura aos jovens uma catequese marial (C.84.1). Com efeito, desde as origens, fazia-se o catecismo do sábado, nas escolas. Hoje, este ensino não está mais ligado a determinado dia da semana e deve integrar-se na catequese ordinária. Isto supõe uma boa formação inicial e também o cuidado da reciclagem permanente. É a razão pela qual as Constituições nos fazem um dever de «procurarmos aprofundar nossa relação com ela pela oração e pelo estudo da doutrina marial» (C.74). Para poder falar de Maria, trata-se de «viver com ela». Nossa história é rica de exemplos de Irmãos que souberam apresentar, aos alunos, Maria, a perfeita discípula, através do ensino e da vida.

A primeira formação marista é toda ela orientada para ajudar o noviço e o jovem Irmão a «por-se a seguir o Cristo, do jeito de Maria» (C.97), e também, «através da pessoa e da obra de Marcelino Champagnat descobre o espírito marista, esforçando-se por sintonizar com ele seu coração» (C.99). Trata-se, da parte dos noviços, de uma lenta impregnação marial que nunca será total, mas sempre recomçada. É todo o ambiente comunitário que deve permitir «marializar» o coração com o perpassar dos dias. Os formadores «escolhem Maria como inspiradora de sua missão, aprendendo dela como acompanhar com amor, perseverança e discrição os que lhes são confiados» (C.107).

Maria, ideal da vida do Irmão, porque perfeita discípula de Jesus, é a título especial, o de todos os que devem exercer o serviço da autoridade. O artigo 120 apresenta o essencial de nossa tradição:

«Reconhecemos a pertença do Instituto a Maria, que fez tudo entre nós, chamando-a Primeira Superiora. Obedecemos a Deus nos seus representantes, do jeito de Maria, com a disponibilidade total que não é atitude passiva, mas escuta atenta do Espírito em vista de um compromisso responsável.

Aqueles que nos governam deixam-se guiar pelo espírito da Serva do Senhor. A seu exemplo, ouvem, refletem e agem em vista do crescimento espiritual dos Irmãos. Confiantes, recorrem a ela em todas as circunstâncias.»

Nas jovens Igrejas, os Irmãos missionários ao mesmo tempo que trabalham para preparar e encorajar os Irmãos autóctones para assumir, progressivamente, a plena responsabilidade de sua Província ou Distrito, sabem «retirar-se, como Maria, quando sua presença já não é necessária» (C.91).

Tudo que acaba de ser lembrado aqui, ao citar amplamente as Constituições, permanece como ideal. Irmãos Maristas, devemos nos esforçar por atingir esse ideal, conti-



A Virgem, em lenho dourado, de Nossa Senhora de l'Hermitage. No coração de prata, o Fundador colocava o nome dos Irmãos. Retirada dos quadros históricos onde se encontrava, foi colocada no coro da capela restaurada. Junto com o altar, constitui um patrimônio que remonta a nossas origens.

nuar nossa caminhada na fidelidade do eterno recomçar para que nossa vida se torne «para todos aqueles aos quais somos enviados, sobretudo os jovens, um convite a encarnar o Evangelho do jeito de Maria» (C.171).

À guisa de conclusão, dizemos que nossas Constituições apresentam um tríptico cuja figura central é o Cristo, o modelo único, ladeado por Maria e pelo Fundador. Este achou inspiração, amparo e coragem junto àquela que denominava seu Recurso Ordinário e a quem atribuía o sucesso de sua obra. Nessa «trindade», Maria guarda seu papel de inspiradora, ainda hoje, como nos primeiros dias do Instituto. Trata-se de ficarmos atentos a seu espírito a fim de continuar a manter nosso lugar na Igreja, a serviço da humanidade. Trata-se de recorrer infatigavelmente a sua intercessão, de confiar-lhe nossas intenções «com a confiança da criança que vai a sua mãe» (C.74), conforme o costume do Padre Champagnat (C.68). Essa confiança faz sempre parte integrante de nossa vitalidade.

Irmão Alain Delorme, C.G.

A Causa do Padre Champagnat

(Continuação)

4. Atas do Processo: Testemunhos - Escritos - Documentos

O que contêm as Atas do Processo Informativo, o que sabemos através da Cópia enviada a Roma? No meio do pesado «calhamaço judicial» encontramos, muito claras, as «DECLARAÇÕES» de todos os 66 testemunhas. Elas nos apresentam dados e detalhes, informações e juízos de valor menos elaborados, mas mais vivos que a própria Biografia oficial do Irmão João Batista, e, por isso, podem constituir uma fonte notável de informações complementares sobre Marcelino Champagnat. Os problemas inerentes aos Processos canônicos (segredo, língua, lentidão, etc.) e além disso, em nosso caso, o fato de se ter perdido (?) nossa Pública-forma, explica que, de alguma maneira, o Instituto e os Irmãos em geral não souberam destas «Testificationes» senão depois da Beatificação. Ainda hoje, porém, são pouco conhecidas ou às vezes somente através de citações ou resumos... Aqui está uma fonte para pesquisar e publicar!

Aconteceu também que os Testemunhos, especialmente os dos Irmãos, puderam se preparar para fazer suas declarações e muitos compuseram breves ou longos «ESCRITOS» que levaram e entregaram ao Tribunal e ficaram incluídos nas Atas. Somando tudo, significariam mais de 320 páginas, alguma coisa parecida com o trabalho do Irmão Silvestre. Neste ano centenário da Causa, a Postulação fará um pedido ao Arquivo Secreto do Vaticano para poder fazer um ou dois fac-símiles (fotocópias) das Atas do primeiro Processo, escritas com caligrafia esmerada. Acredito que assim teremos uma fonte fidedigna e a possibilidade de ter acesso a ela...

O Processo informativo nos traz também todos os «DOCUMENTOS PESSOAIS» do Padre Champagnat: Certidão de batismo, de Tonsura, das quatro Ordens menores, do Subdiaconato, Diaconato e Presbiterato, sua carta de Nomeação como Coadjutor e a de sua substituição, de sua Profissão religiosa e o atestado de morte e sepultura.

5. Conservação dos «Restos do Padre Fundador»

Como uma das exigências de qualquer Causa, perto do final do processo informativo, se realizou a «Exumação, reconhecimento e transladação dos restos mortais do Servo de Deus». No caso de nosso Fundador, isso foi feito em duas datas: Primeira, em 12-X-1889: fez-se exumação, reconhecimento e transladação do cemitério até à sala chamada do «Irmão Francisco» (2.º andar). Motivo, deixar que os ossos ficassem mais secos. Segunda, em 14 de junho de 1890: transladação do quarto mencionado para serem inumados na grande capela da casa de l'Hermitage, no fundo... Por conseguinte, se hoje possuímos os preciosos «Restos», o devemos à Causa, caso contrário, teriam desaparecido para sempre.



Túmulo do Pe. Champagnat até 1890 (l'Hermitage).

O Processo oferece as Atas de todas essas cerimônias com luxo de detalhes. Para compreender o sentido das «reliquias» e captar a emoção sentida pelos assistentes, nada melhor do que a narração feita pelo Irmão Teofânio em sua Circular de 15-I-1890. Nela se manifesta, por exemplo, a profunda emoção do pedreiro, filho de um dos pedreiros que tinham construído Hermitage com o Padre Champagnat. Em seguida lemos:

«Aberto o sarcófago de chumbo, apareceu o esqueleto intacto, em perfeito estado de conservação e na posição em que tinha sido colocado quando foi enterrado em 1840, com os braços cruzados sobre o peito... Junto com os venerados ossos acharam-se restos da estola, botões da batina, a meia direita quase inteira e a plaquinha metálica com a inscrição «Ossa J. B. M. Champagnat, 1840.» Prossegue o Irmão Teofânio: «Como poderíamos reviver os pensamentos e os sentimentos que

DÉCRET



DIOCESE DE LYON
CAUSE DE BÉATIFICATION ET DE CANONISATION
DU VÉNÉRABLE SERVITEUR DE DIEU

Marcellin-Joseph-Benoît CHAMPAGNAT

PRÊTRE MARISTE
ET FONDATEUR DES PETITS FRÈRES DE MARIE

tomaram conta da mente e do coração dos assistentes à vista dos restos daquele corpo que fora animado por uma alma tão grande, tão nobre, tão virtuosa e em cujo peito pulsara um coração tão bom e tão generoso?... Parece-nos estar lendo as Atas da "invenção" dos restos-reíquias de um mártir dos primeiros séculos... E com que veneração, tanto os Irmãos como as pessoas do lugar, conservariam a nova tumba, até que os acontecimentos trágicos de 1903 obrigaram a trasladar esse "tesouro" e escondê-lo na Casa Rivat, em Maisonnettes... até 1-XII-1920!

6. Conservação dos escritos do Padre Fundador

Outros «restos» importantes do Padre Champagnat foram seus escritos. Pois bem, será a Causa também o motivo mais decisivo para juntá-los e conservá-los. Devido ao processo informativo e para seguir as normas canônicas, os Vigários gerais de Lião —por Sede vacante— com data de 14 de junho de 1893, emanam um edito ou mandado que deverá ser lido em todas as igrejas paroquiais e capelas públicas, em dois domingos seguidos. Nele ordenam:

1º Que todos os fiéis que tenham ESCRITOS do Servo de Deus estão obrigados, sob as penas eclesiásticas... a dá-los a conhecer, entregando referidos escritos (não apenas livros e folhas impressas cujo autor seja o Servo de Deus, mas também os manuscritos, cartas, composições diversas).

2º Que deverão ser remetidos à secretaria do arcebispado, e que se alguém não puder comparecer, os entregue ao pároco para que o faça... Se alguém assim desejar e expressar que os manuscritos sejam devolvidos a seu detentor, isso será feito depois que o notário da Causa tiver feito cópia. O prazo é de quarenta e cinco dias...



Be. M. Champagnat

Antigo retrato do Pe. Champagnat, colocado em seu túmulo.



Sepultura do Pe. Champagnat de 1890 a 1956 (l'Hermitage)

Naquele verão, vários Irmãos foram empregados pelo tribunal para COPIAR OS ESCRITOS e foram feitos três grandes cadernos (22 × 33 cm) cujo conteúdo era:

- 1º Sermões e instruções - Resoluções - Demissão de 1837 (39 peças = 170 páginas).
 - 2º Rascunhos da regra e de cartas - Cadernos, avisos diversos (73 peças = 102 páginas).
 - 3º Cartas do Padre Champagnat (85 peças = 104 págs.).
- No total: 197 peças e 376 páginas.

A isso se juntou a Regra impressa (1837) e o Testamento Espiritual impresso (1842).

Supõe-se que a pesquisa foi séria, mas não exaustiva, porque o mandado apenas afetava à diocese de Lião. Em todo o caso, os Irmãos fizeram o possível para buscar em toda a parte onde se presumia existissem escritos, e graças a isso, puderam chegar até nós os «manuscritos» existentes naquela época. Se é certo que não se fez uso mais direto de tais «escritos», é porque naquela época não se dava muita importância ao «documento original», pelo menos temos de agradecer-lhes pelo esforço de conservar os que existiam. A Igreja se satisfaz em examinar para ver se não continham alguma coisa contra a «fé e os bons costumes» e os Irmãos, distantes do possível acesso a esses Escritos

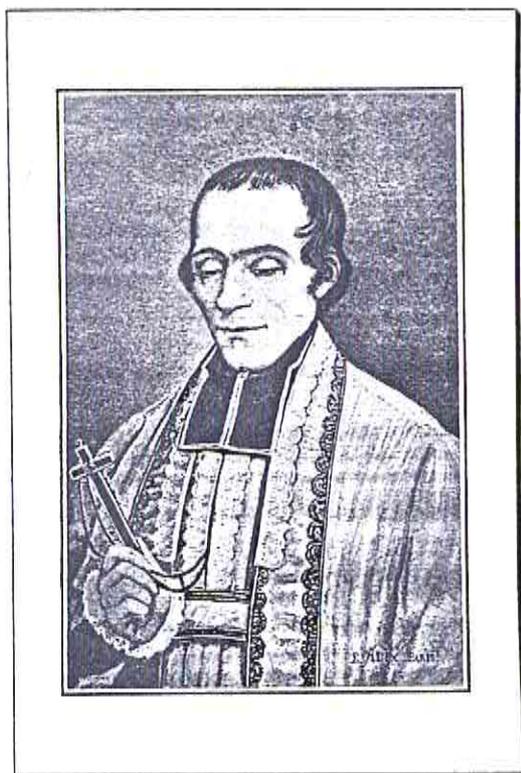
diretos, não puderam ou não souberam usá-los para possíveis estudos críticos da «VIDA». Não tinham ainda chegado os tempos do rigor histórico e prevalecia a literatura religiosa edificante. Repito, porém, que souberam conservar o que existia com muita veneração.

7. Vidas breves e ilustradas do Padre Champagnat 2.^a edição da vida «oficial»

Outro campo em que a Causa ativou o conhecimento e a divulgação da imagem do Padre Champagnat foi a publicação de VIDAS «breves» e VIDAS «ilustradas», dirigidas aos alunos, amigos e fiéis em geral. Em doze anos, entre 1885 e 1897, fizeram-se sete edições diversas. Em 1885 imprime-se a primeira VIDA de divulgação, um livro de 232 páginas, com as primeiras ilustrações. Conserva ainda a divisão Vida e Virtudes... Em 1887, a casa Burns Oates, de Londres, publica a primeira versão da VIDA em inglês. Em 1890, os Irmãos, estabelecidos três anos antes na Espanha, publicam em Mataró a primeira VIDA EM espanhol, um livro de 110 páginas e com doze capítulos. Em 1892, lança-se uma pequena VIDA ILUSTRADA de 32 páginas, e, três anos mais tarde, uma segunda edição mais aumentada, com 106 páginas. As ilustrações com desenho a pena têm seu valor... Em 1897, depois da

Introdução da Causa em Roma, procede-se a uma segunda edição da Biografia oficial do Irmão João Batista. Nela se corrigem alguns erros que a documentação do processo tinha feito notórios e se introduziram ilustrações de certa categoria. O primeiro quadro do Fundador foi feito na Suíça, numa impressora de primeira classe. Embora respeitando a divisão do autor, a VIDA é impressa num tomo só. Anos mais tarde (1921), o Decreto da Heroicidade das Virtudes trará como fruto outra VIDA distinta. Refiro-me a que foi escrita por Mons. Laveille que já lançou mão do material contido no Processo e nos Escritos, sobretudo as Cartas.

Não quero encerrar este parágrafo das VIDAS sem assinalar que o Decreto da INTRODUÇÃO DA CAUSA EM ROMA (9-VIII-1986) provocou tal alegria em toda a Congregação que, em todas as casas, se fizeram tríduos solenes de ação de graças. O Padre Champagnat já pode levar o título de «VENERÁVEL». Um fruto literário desse jubilo será a publicação, em 1897, de um livro de 434 páginas intitulado «Panegíricos, alocuções, e discursos pronunciados por ocasião da Introdução da Causa de M. J. B. Champagnat...». Bispos, cônegos, capelães, párocos, religiosos... colocam o melhor de sua oratória para exaltar a imagem do humilde sacerdote de La Valla, o Fundador dos «Pequenos Irmãos»...



J. B. M. CHAMPAGNAT, S.M.
Founder of the Society
Of the Little Brothers of Mary,
1780-1840.

LIFE AND SPIRIT OF J. B. M. CHAMPAGNAT

PRIEST AND FOUNDER OF THE SOCIETY OF THE
LITTLE BROTHERS OF MARY

BY
ONE OF HIS FIRST DISCIPLES



Translated from the French

All for the greater glory of God and in honour of the august Virgin Mary,
Mother of our Lord Jesus Christ.

BURNS & OATES, LD.

London:
GRANVILLE MANSIONS,
ORCHARD STREET
AND PATERNOSTER ROW.

New York:
CATHOLIC PUBLICATION
SOCIETY CO.,
BARCLAY STREET.

1887

Primeira estampa divulgadora do Pe. Champagnat
(primeira edição inglesa, 1887)



Frontispício da primeira Vida do Fundador publicada em espanhol

Uma constatação muito importante que tirei da leitura desse volume é que, então, a Congregação estava muito encarnada e submetida «às igrejas locais» (paróquias, dioceses). É um fato de que não tínhamos tanta «autonomia», nem escolar nem econômica, mas a Igreja e as populações nos estimavam de fato e vibravam com os Irmãos e com seu «santo» Fundador. (Uma curiosidade: o enorme volume vendia-se por um franco!)

Com Marcelino e sua Causa vibrava a Congregação inteira, desde o Irmãos Superior Geral até o mais simples Irmão empregado no trabalho manual... O Irmão Teofânio, S. G. foi realmente o motor e o protagonista de Causa, desde as primeiras diligências (1886) até ao final dos processos apostólicos (1901). Suas Circulares relatam sempre cada «passo» dado pela Causa e, nesse tempo, a correspondência que mantém com o Padre Nicolet, Postulador em Roma, é muito vasta. Ainda conservamos 65 cartas sobre esse assunto. Todas transmitem ardor e entusiasmo e transpiram fé e oração. Soube realmente cumprir o objetivo da Circular de 2-II-1886:» Proponho-me a começar quanto antes... e prosseguir com todo o cuidado que requer um assunto desta importância».

CONCLUSÃO

Com este artigo, quis recordar um centenário importante e fazer o leitor sentir os valores e pontos positivos de nossa primeira causa, o legado histórico, documental e espiritual que deu à Congregação e sugerir um campo ainda virgem que se apresenta aos estudiosos... Poderia encher

muitas páginas com o relato dos Processos sucessivos e as «Positiones» ou teses que se sucederam a partir de 1920, mas devo concluir e o faço repetindo a mensagem e a experiência que fiz ao estudar esse assunto. Acredito que posso afirmar que quando se iniciou a Causa —HÁ CEM ANOS!— a Congregação vibrou e soube transmitir a «PRESENÇA CHAMPAGNAT» com a vida e o apostolado impregnados dos valores maristas (marianos).

A melhor prova de sua vitalidade a daria nos terríveis dias de 1903. Os Irmãos foram capazes de decisões e de feitos dignos de algum historiador! Nada mais fizeram do que «copiar» a seu Fundador, seu «santo Fundador», nos dias amargos de 1822, no ano «terrível» de 1826, na revolução de 1830, nas sucessivas negativas do Ministério para conceder a autorização legal... Tal a cepa, tais os ramos. Tal o pai, tais os filhos... E recordo-me da árvore boa do Evangelho: «A árvore boa produz bons frutos»... «Pelos seus frutos os conheceréis»...

Para concluir, creio que seja bom fazer como principei, com três PERGUNTAS, perguntas que pretendem situar o leitor no campo da reflexão e da ação:

- Por que teremos demorado 100 ANOS sem atingir a meta da canonização?
- Vivemos os VALORES MARISTAS, hoje? Se colocar no singular e na primeira pessoa, a resposta será mais real e verdadeira. Cuidado em pôr a culpa nos outros!
- Como posso fazer neste ANO CHAMPAGNAT para que meu Pai e Fundador seja mais conhecido, amado e invocado? Coragem! Somente assim colaborará com seu grão de areia para a «glorificação».

Irmão Agustín Carazo - Postulador



«Se Deus não abençoar a casa, em vão trabalham os construtores.»
(Gravado do original de E. Alix, Paris, aparecido na edição francesa da Vida, em 1885).

A MISSÃO EDUCACIONAL DAS ESCOLAS MARISTAS

Estados Unidos

Os Irmãos Maristas estão sendo chamados e interpelados pela Igreja, pela Congregação e pela Província para ser homens de Igreja que acreditam nos princípios radicais do Evangelho.

Respondendo a este chamado, cõnscios do carisma do Bem-Aventurado Marcelino Champagnat, os Irmãos Maristas entregaram-se à educação cristã da juventude, especialmente da menos favorecida.

Compreendendo que «a escola católica tem lugar privilegiado na educação cristã», os Irmãos Maristas consideram as escolas como comunidades chamadas a testemunhar a missão cristã de maneira especial.

As escolas Maristas empenham-se em:

1. Compreender profundamente que são chamadas e destinadas a proclamar a Boa Nova que Jesus é o Senhor.
2. Comprometer-se realmente com os valores evangélicos evidenciados nas atitudes e exemplos de Nossa Boa Mãe, Maria.
3. Entender e apreciar a fé cristã como é exposta pela missão e pelo ensino da Igreja Católica Romana.
4. Participar ativamente na vida da Igreja peregrina celebrando a presença de Jesus, no culto, nos sacramentos e na prestação de serviços.
5. Despertar a consciência a respeito da dignidade especial da pessoa humana.
6. Crer de forma dinâmica na missão da Igreja e no trabalho de evangelização testemunhando e proclamando a mensagem evangélica a todos os estudantes e professores.
7. Desejar constantemente transmitir o apreço e a compreensão de nossa herança cristã entre os não-cristãos de nossas escolas por uma dedicação à pastoral da pré-evangelização.
8. Engajar-se constantemente, na comunidade educativa, com o trabalho da educação da fé, marcado pelo carisma de Champagnat, traduzido pelo espírito de família, o amor ao trabalho, a simplicidade, a devoção a Maria, Mãe de Jesus.
9. Aceitar os estudantes tais como se apresentam em seu nível intelectual e meio cultural, despertando neles o desejo de renderem o máximo de suas potencialidades.
10. Suscitar e encorajar vocações religiosas e sacerdotais para atender às necessidades da Igreja universal.

Na qualidade de instituições acadêmicas de aprendizagem e de transmissão de conhecimentos, as escolas Maristas de-

vem oferecer aos estudantes uma visão dos desafios que se apresentam em sua vida na sociedade americana.

Para cumprir este encargo de orientação, apresentamos os objetivos seguintes:

1. Oferecer aos estudantes a oportunidade de expandir o campo de sua experiência de fé.
2. Dar aos alunos condições para que reflitam e tomem conhecimento a respeito de sua escolha vocacional como: a vida não-matrimonial, o casamento, a vida religiosa e o sacerdócio.
3. Promover o amor genuíno à Santíssima Virgem.
4. Incentivar o comportamento ético baseado nos valores morais e espirituais.



Temas maristas

5. Inspirar o sentido do serviço cristão e a dedicação em favor dos necessitados.
6. Estabelecer uma atmosfera de respeito mútuo, de apreço aos valores humanos e às crenças das outras pessoas.
7. Descobrir maneiras de ajudar aos pobres por um compromisso real e contínuo, no sentido de que em nossas escolas, se estabeleçam planos de ajuda aos que estão em dificuldades econômicas.
8. Desenvolver nos alunos o respeito e a estima de si próprios.
9. Entusiasmar os estudantes para que tomem parte nos programas da escola e da comunidade.
10. Inculcar responsabilidade para com os valores a vida da família, da Igreja, da Nação, da Sociedade e dos ideais democráticos.
11. Fomentar nos alunos a capacidade de se comunicarem de maneira eficaz.
12. Formar nos alunos atitudes de questionamento maduro e de senso crítico.
13. Despertar a curiosidade intelectual e a vontade de aprender que durem a vida inteira.



O caráter peculiar dos colégios maristas de Espanha

1. IDENTIDADE E OBJETIVOS

Nosso Colégio é um centro católico que a Igreja oferece para promover a formação integral de seus alunos, segundo o estilo de Marcelino Champagnat.

Em consequência:

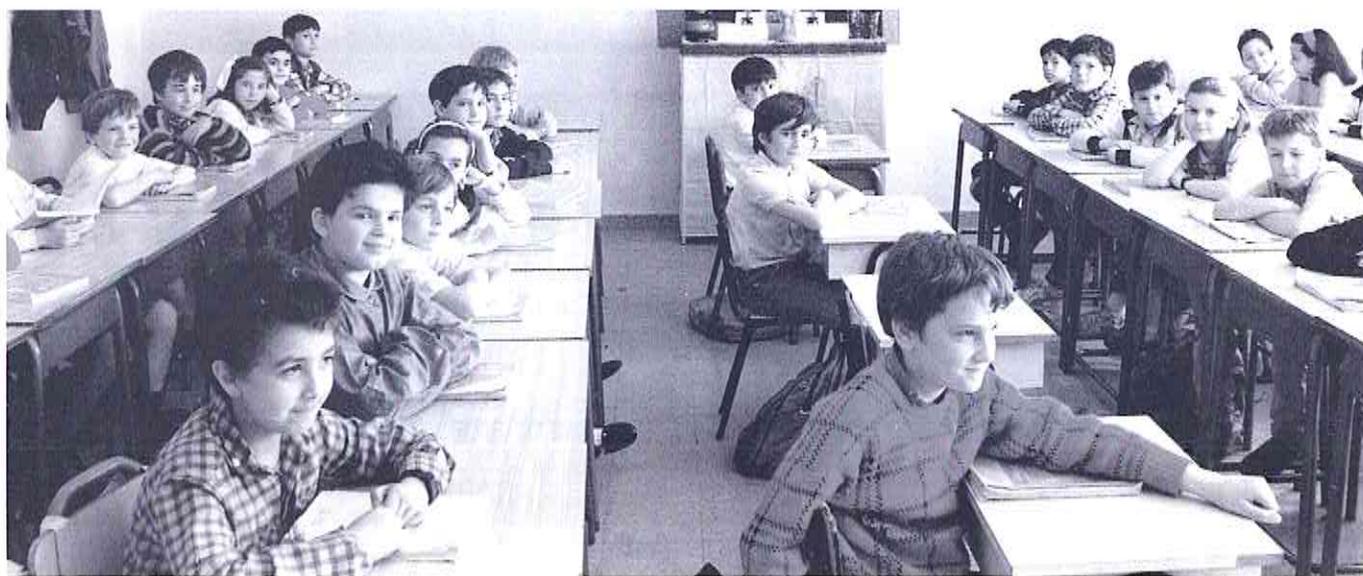
- Educa de acordo com a concepção cristã da vida, do homem e do mundo.
- Oferece um grau de instrução e educação de qualidade em clima de colaboração e abertura.
- Ajuda a desenvolver as faculdades intelectuais, e, além disso, suas qualidades físicas, sua maturação afetiva e sua dimensão social.
- Fomenta o crescimento dos aspectos ético e transcendente da pessoa, ressaltando os valores da família, a liberdade, o senso crítico, a participação, a convivência e a paz.
- Favorece a síntese e a coerência entre a fé e a cultura.
- Transmite o ensino religioso de acordo com as orientações da Igreja.
- Programa e desenvolve os processos catequéticos e de expressão da fé dentro do respeito e da liberdade humana.
- Estimula a presença renovadora do jovem na sociedade para que esta seja mais humana e justa.
- Radica-se na realidade cultural, social e humana descobrindo e valorizando suas características próprias.
- Sente-se solidário com todos os centros educacionais no processo de melhoria que exige nossa missão.

O Projeto Educativo propõe-se a realização gradual e progressiva destes objetivos com a colaboração de todos os membros da comunidade educativa.

2. OS RESPONSÁVEIS

Nosso Colégio, constituído em comunidade educativa, requer a colaboração generosa de todas as pessoas que nele intervêm:

- A Entidade mantenedora, o Instituto dos Irmãos Maristas, que dirige, define e mantém os princípios que configuram o tipo de educação, assim como os critérios de educação que garantem a fidelidade aos mesmos.
- Os Alunos, que são os sujeitos responsáveis de sua própria formação e que intervêm ativamente na vida do centro, conforme as exigências de sua idade.
- Os Professores, que são os principais educadores, coerentes com seu próprio caráter e com o trabalho em equipe. Participam na elaboração e execução do Projeto Educativo e participam na gestão do centro através dos órgãos de governo.
- Os Pais ou tutores dos alunos, que são os primeiros responsáveis pela educação de seus filhos, prestam seu apoio e colaboração na tarefa colegial, especialmente através da associação de pais de alunos e dos órgãos de participação estabelecidos.
- O Pessoal administrativo, de serviço e outros colaboradores que tornam possível e mais eficaz a ação educativa a partir dos encargos respectivos.





3. ESTILO E TRAÇOS PEDAGÓGICOS

Nosso Colégio, fiel à tradição Marista, pretende formar «bons cristãos e cidadãos honrados» por meio de um estilo educativo cujos traços mais significativos marcam nossa pedagogia:

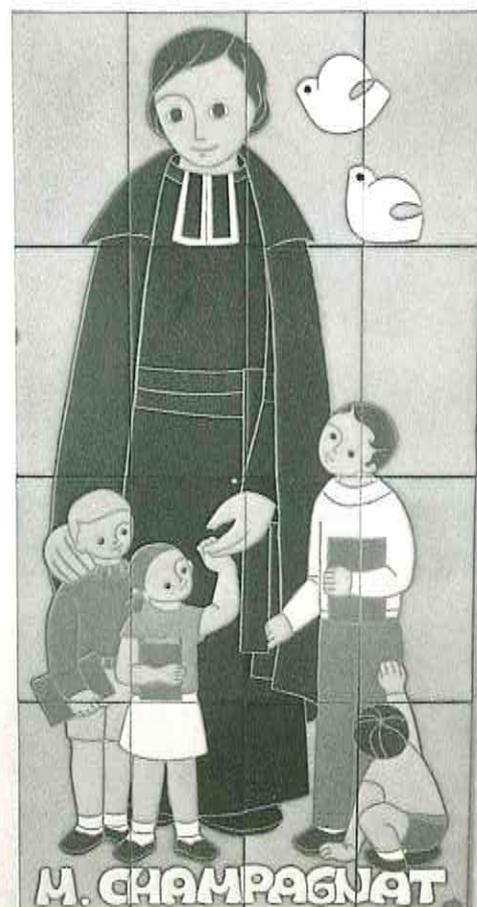
- Apresentamos Maria como modelo dos educadores, educando conforme sua predileção pela simplicidade, pelo trabalho e pela vida de família.
- Damos à presença do educador um valor essencial no processo evolutivo do aluno; presença que é chegar-se pela entrega pessoal do tempo e da cordialidade.
- Procuramos uma educação personalizada que acompanhe a cada um conforme as necessidades e que crie um ambiente humano que favoreça a maturação individual.
- Atendemos de preferência aos alunos que se encontram em maior dificuldade.
- Optamos pelos valores evangélicos e com eles nos comprometemos para que transformem pouco a pouco nossa vida e nossa sociedade.
- Empregamos uma metodologia aberta e flexível, que se adapta em cada momento às situações e que incorpora as inovações didáticas que melhoram a qualidade educativa.
- Procuramos que cada aluno desenvolva ao máximo suas capacidades e insistimos, de forma especial, no sentido prático e na constância.
- Detectamos os interesses dos alunos e orientamos os que mais se prestam a seu progresso.
- Projetamos nossa ação educativa além da aula e do horário letivo, através de atividades complementares e extraescolares, abrindo a escola para a vida e para a redondeza.

4. ORGANIZAÇÃO E GESTÃO

O modelo de educação que nosso Colégio oferece às famílias e aos alunos exige uma ação estruturada e coordenada.

Isto supõe que:

- Os esforços e os ideais da comunidade educativa convirjam para o objetivo prioritário: a educação integral dos alunos.
- Dá-se preferência aos interesses comuns sobre os particulares.
- A participação constante e corresponsável é o meio de atuação eficaz.



— *Temas maristas* —

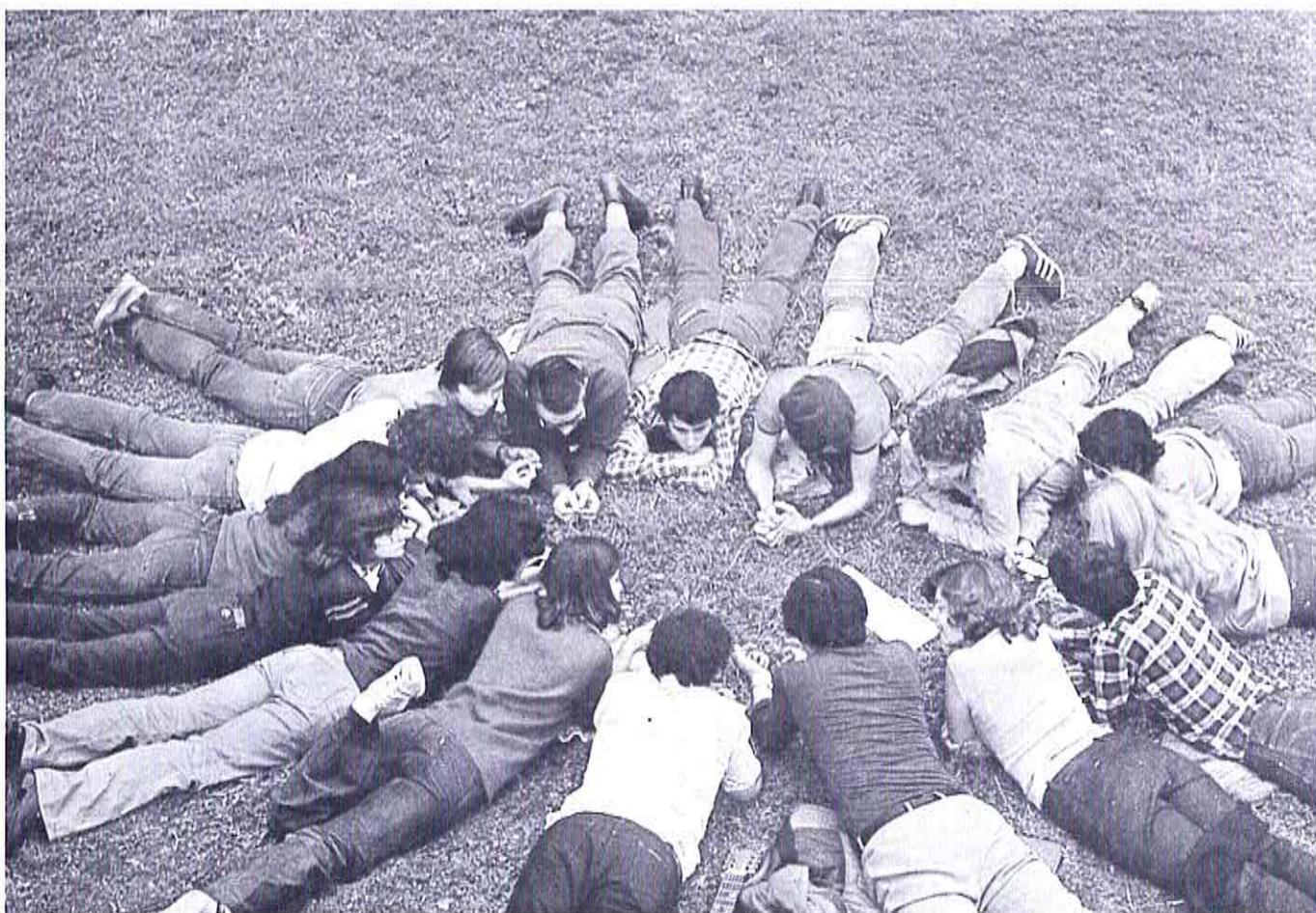
Os instrumentos que tornam possível o funcionamento do Centro são:

- Uma Direção marcada pela vontade de serviço, dentro de suas atribuições.
- Um Conselho educativo que fomente a responsabilidade nas decisões e atuações.
- Um Corpo de professores interessado nos aspectos pedagógicos e docentes.
- Uma Administração que destine os bens à retribuição justa do pessoal do Centro e à melhoria da qualidade educativa.
- E todos os órgãos de governo ou de animação que sejam considerados oportunos.

Em nosso modelo organizativo a participação constitui uma atitude essencial que procura:

- Assumir compromissos nos níveis correspondentes.
- Respeito a todas as atribuições.
- A presença de cada um nos meios de gestão ou de governo que lhe competem, seja pessoalmente, seja por representantes.
- A perspectiva global e de conjunto nas ações que forem levadas a cabo.

O Regulamento, ou Regimento Interno, fornece diretrizes ao funcionamento da organização colegial e garante a coordenação da comunidade educativa.



O IRMÃO ÉLIE - RÉGIS: UM TALENTO EM CONTROVÉRSIAS

«Foi uma dessas almas de escol que a Divina Providência suscita nos primórdios das Sociedades destinadas a missões difíceis...» Esta a maneira de pensar a respeito do Irmão Eli-Régis por alguns padres, contemporâneos seus, na missão da Nova Zelândia. E dizer que, quando primeiro se ofereceu para as missões, o Padre Colin expressou a opinião que não era apto para esse trabalho. Este artigo pode ajudar-nos a conhecer alguma coisa referente a alguém que, de qualquer maneira, foi dos pioneiros neste país.

Étienne Marin tinha 26 anos de idade quando ingressou em Hermitage, em novembro de 1835, tendo antes exercido o ofício de carpinteiro. Em março do ano seguinte, tomou o hábito. Em outubro, emitiu os votos na primeira cerimônia pública de profissão realizada pelo Padre Champagnat. É provável que após o Noviciado, durante algum tempo, tenha feito estudos em Hermitage visto que, mais tarde, conseguiu a fama de bom professor e de bom catequista. Champagnat viu nele algo mais, pois o Irmão Élie-Régis foi enviado às missões, e com as bênçãos de Colin.

Em 9 de setembro de 1838, partiu de Bordéus, no «Delphine», com os Irmãos Maria-Agostinho e Florentino e mais três sacerdotes.

O grupo chegou em Valparaíso em dezembro e partiu daí no «Rainha da Paz» para as ilhas Gambiers onde passaram a festa da Páscoa. Em abril tocaram em Tahiti onde ouviram dizer que os dois Maristas, o Padre Bataillon e o Irmão José Xavier corriam perigo em Wallis. Isso os fez ir para Wallis, mas quando chegaram lá, em maio, descobriram que os dois confrades, embora cansados, estavam de ânimo excelente. Passaram alguns dias com eles, poucos dias com Chanel e Marie-Nizier na ilha próxima de Futuna e depois navegaram para o sul da Nova Zelândia. A primeira nomeação do Irmão Eli-Régis foi para Hokianga onde ajudou a transferência da missão de Papakawau para Purakau, do outro lado da baía.

Em Janeiro de 1840, acompanhou Épalle e Petitjean para estabelecer a nova missão da Epifania, em Whangaroa. Moraram em um *nikau whare* ⁽¹⁾ na terra próxima a Totara, no lado ocidental da baía, até que Eli-Régis completasse uma casa de madeira. Os dois padres partiram em 1841. Na maior parte do ano seguinte, viveu sozinho para cuidar da missão. Em maio escreveu a Colin narrando a vida que levava e as atividades que exercia em Whangaroa. Trata-se de uma descrição interessante da sorte normal que aguardava um Irmão enviado às missões.

«Estou muito ocupado, diz ele. Devo ser catequista, carpinteiro, marceneiro, jardineiro, alfaiate, lavador de roupas, às vezes, cozinheiro. Acrescente a isso o cuidado das galinhas e de outros animais. Há realmente gra-

ças especiais para os missionários: haveria trabalho suficiente para três pessoas e tudo deve ser feito por uma só...De todas as funções que exerço, a de catequista tem a primazia, isto é, se me vem a informação de que há uma pessoa doente na tribo, largo tudo para visitá-la, instruí-la e batizá-la, caso esteja em perigo de vida. Reúno os nativos mais próximos para as orações da manhã e da noite. Quando posso ir para as tribos mais afastadas, sinto maior consolação porque tenho a ocasião de ensinar-lhes as verdades de nossa santa religião. A gente é muito ignorante, mas disposta a receber. Não se dá o mesmo quando alguém pretende obter alguma coisa deles, ao contrário, quando a gente vai ter com eles e não tem fumo para lhes oferecer, olham com ares agressivos. As tribos mais longínquas podem ser atingidas com muita dificuldade; às vezes, deve-se remar durante mais de um dia, depois, andar por terra por sendas muito difíceis. Se tiver que pernoitar, é no chão mesmo e completamente vestido à maneira dos nativos e deve-se agüentar o frio. Mas torna-se agradável sofrer por Jesus Cristo quando a gente o ama.»

Lembra encontros com os missionários e catequistas metodistas nessa região. Não hesitava entrar em debates com



eles, porque como atestam os padres, era bem instruído e além disso tinha «talento para controvérsias».

O Bispo Pompallier nomeou o Irmão Élie-Régis professor dos Maoris na missão central de Kororareka, no começo de 1844. Contudo, não ficou lá muito tempo porque, no final do mesmo ano, o encontramos trabalhando com o Padre Lampila em Whakatane. Essa sede abrangia uma grande área desde Mattata até a baía Hawkes. Dado que Lampila passava a maior parte do ano correndo de um lugar para outro, Eli foi deixado sozinho durante muito tempo.

Visitava as comunidades locais. Numa dessas visitas, encontrou-se com o missionário anglicano, o Rev. J. Wilson, «numa tribo na qual estava repetindo as blasfêmias» (contra a doutrina da Eucaristia). «Atacou-o e desmascarou-o», lembra seu contemporâneo, o Padre Chouvet, e, quando o ministro partiu para outro *marae* ⁽²⁾, «seu terrível adversário o seguiu e inflingiu-lhe a mesma humilhação».

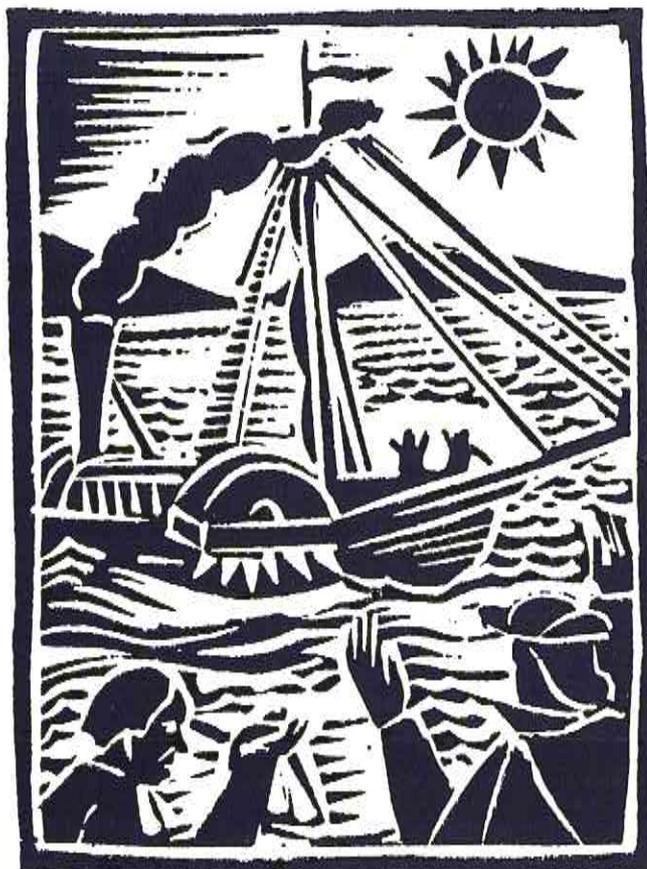
Em 1847 ou 1848, foi transferido para Auckland. No começo de 1849 regressou a Whakatane, mas no final do ano, retornou a Auckland. Sabemos que o Bispo Viard tinha planos de nomear algum dos Irmãos como professores do Colégio Santa Maria, recém-fundado, para ensinar assuntos técnicos aos estudantes Maoris da época. O Irmão Eli teria sido certamente um dos escolhidos, mas não existem registros de que alguém realmente começasse a en-

sinar lá. Contudo, dado que foram a Wellington somente em fins de abril de 1850, alguns podem ter trabalhado como tutores nesse entremeio.

Chegado em Wellington, o Irmão Élie-Régis foi nomeado para ajudar o Padre Comte em Otaki. Começaram a construir um moinho e plantaram parreiras. Em janeiro de 1852, foi indicado para a missão de Wanganui. No final do mesmo ano, reuniu-se a Lampila para fundar a missão de Kaiwhaiki, à beira do rio, a doze milhas da cidade. Construíram um moinho e melhoraram as condições de vida com tanto êxito que dois anos mais tarde foram convidados para fundar a missão de Kauaeroa, rio acima. Durante os anos seguintes, Eli teve muito que fazer com a construção da casa, da capela, do moinho para moer milho, com o cuidado da horta, com o plantio de árvores frutíferas e parreiras. Em 1860 existia uma escola funcionando, embora os dois missionários devessem atender à região que ia de Waitara até Taupo, o ensino era dado na base de tempo parcial e daí bastante irregularmente.

Um dos seus projetos, o moinho em Maraeknowhai, perto de Kauaeroa, causou conflito entre os dois chefes locais. eclodiu nos últimos meses da estada de Eli na região, não muito tempo antes da batalha de Moutoa, em maio de 1864, na qual o Irmão Eulógio perdeu a vida. Os dois chefes, Te Kere e Topene Te Mamaku, estavam disputando a posse da terra na qual o moinho deveria ser construído. Aconteceu que um dos homens de Te Kere insultou Topene. Te Kere, que tinha uma parte no moinho Kaiw-

A partida dos primeiros missionários
(gravado por J. Bossaert)



haiki também, estava voltando daí com diversas canoas carregadas de farinha e de seus sessenta homens, bem como Lapila e Élie-Régis - ou Rapira e Airia, como eram conhecidos - quando foram emboscados por Topene. Escaparam com a perda de um remador, depois entraram em luta com a gente de Topene em Rauponga durante diversos dias. Por causa da inferioridade de efetivos, escaparam sob a capa da noite e do nevoeiro. Os dois Maristas permaneceram com eles durante os combates, animando-os com *karakia* ⁽³⁾ e cuidando dos mortos e feridos. Não estavam com eles, mais tarde, quando Te Kere com reforços invadiu o *Pa* ⁽⁴⁾ de Topene, em Kirikiriroa e tirou sangrenta vingança dele. Dá-se o número de 300 os mortos no decorrer dessa guerra. O moinho não pôde ser usado. Devido ao muito sangue derramado por causa dele, tornou-se *tapu* ⁽⁵⁾. Passaram-se seis ou sete anos antes que um novo fosse construído, após reconciladas as tribos.

Em 1864, Viard decidiu estabelecer uma missão em Waitara, perto de Ney Plymouth, e Élie-Regis foi enviado para ajudar lá. Esse foi o período conturbado com o levante dos Hauhau e as guerras pelas terras em Taranaki. No fim da guerra, o Padre Rolland comprou um pedaço de terra em Kora para construir um mosteiro para os ex-combatentes «que tinham desejado retirar-se do mundo e comprometer-se a ensinar». Em 1869 cortou-se e serrou-se a madeira no local. Uma casa grande (o mosteiro) e um galpão foram construídos, supervisionados pelo Irmão Élie. Iniciaram a criação de vacas, plantaram um pomar e um parreiral. Houve até oito a doze Irmãos; até alguns

rapazes foram aceitos como pensionistas. Eli estava encarregado da administração e agia como «abade» enquanto Rolland estava fora em suas viagens freqüentes para angariar fundos.

Agora, porém, tinha mais de sessenta anos e a saúde periclitava. Embora trabalhasse enquanto as forças lho permitiam, não durou por muito mais tempo. Morreu em 24 de abril de 1872. Foi enterrado no alto da colina, atrás do mosteiro. Um pequeno cemitério formou-se ao redor de seu túmulo, mas os traços desapareceram faz muito tempo. O próprio mosteiro foi fechado um ano e pouco mais tarde. Um dos membros da comunidade de Koru, posteriormente, solicitou para ingressar nos Irmãos Maristas de Auckland em 1887.

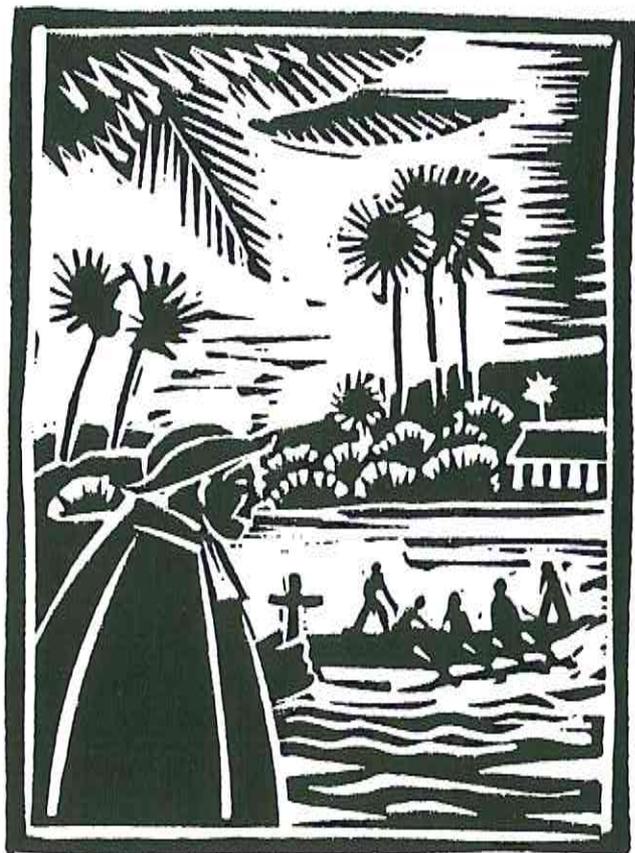
A marca de Champagnat pode ser vista claramente na vida deste Irmão - «um homem de rara simplicidade, de juízo sério, bom senso e verdadeira paixão pelo trabalho...». Como Viard falou a respeito dele: «Era excelente Irmão e amava muito a Santíssima Virgem.»

Irmão Eduardo Clisby

«MARIST NEWS», Nova Zelândia

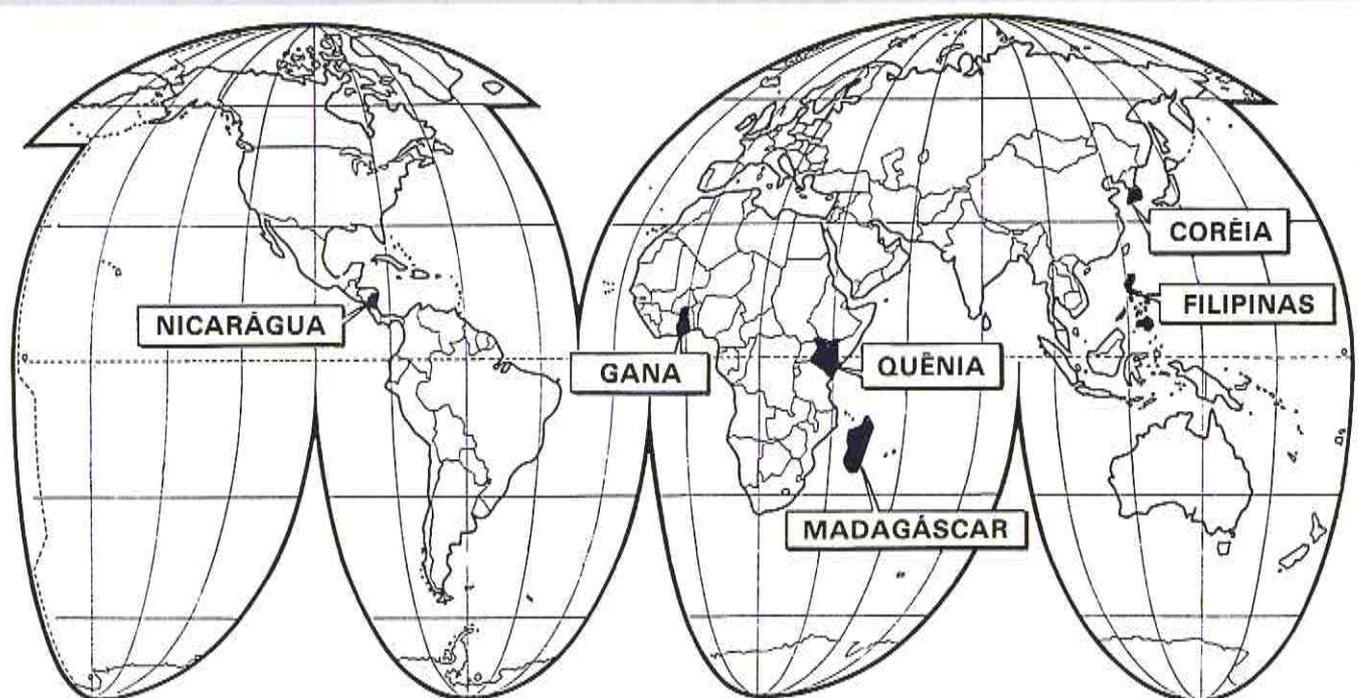
Algumas palavras Maori usadas no texto:

- (1) *nikau whare*: cabana feita de folhas de palmeira
- (2) *marae*: casa de reunião
- (3) *karakia*: oração
- (4) *Pa*: fortaleza
- (5) *tapu*: tabu



Missionários na Oceânia
(gravado por J. Bossaert)

A VIDA DAS PROVÍNCIAS



A PROVÍNCIA DAS FILIPINAS

A SITUAÇÃO NAS FILIPINAS

As Filipinas tiveram uma longa história de colonização: 333 anos de baixo da Espanha; 43 anos sob o domínio dos Estados Unidos; quatro anos subjugadas pelo Japão. Em 1945, os americanos concederam um governo democrático a essa nação. Infelizmente, a experiência foi interrompida de maneira abrupta pelo regime ditatorial de Marcos em 1972. Esses acontecimentos históricos devem ser relatados para compreender a estrutura atual, que está aumentando continuamente a brecha entre ricos e pobres.

Com o advento de Cory Aquino e o milagre da revolução de 1986, nasceu nova esperança no coração do povo filipino. Em contraste com os 14 anos de ditadura de Marcos, o novo governo estabeleceu estruturas para facilitar maior participação do povo na democracia. Fizeram-se esforços para redistribuir os benefícios econômicos por meio da reforma agrária e da elevação dos salários. O aumento do produto interno bruto foi tomado como indicador da recuperação econômica.

Seria atitude muito simplista pensar que tudo vai bem nas Filipinas agora. Apesar das melhorias, o país enfrenta ainda estas situações e desafios: subdesenvolvimento continuado, pobreza crescente, violência em ascensão, fragmentação e divisão entre o povo.

Ninguém pode ignorar o clamor por justiça e paz da parte de mais de 58 milhões de filipinos que estão vivendo na pobreza. Os benefícios da melhoria econômica não atingiram os milhões que estão na base da pirâmide. Um exemplo dessa desproporção: as companhias estrangeiras controlam mais de 500 000 hectares no país; as diversas instalações militares dos Estados Unidos ocupam mais de 400 000 hectares. Por outro lado, milhares de pobres são obriga-

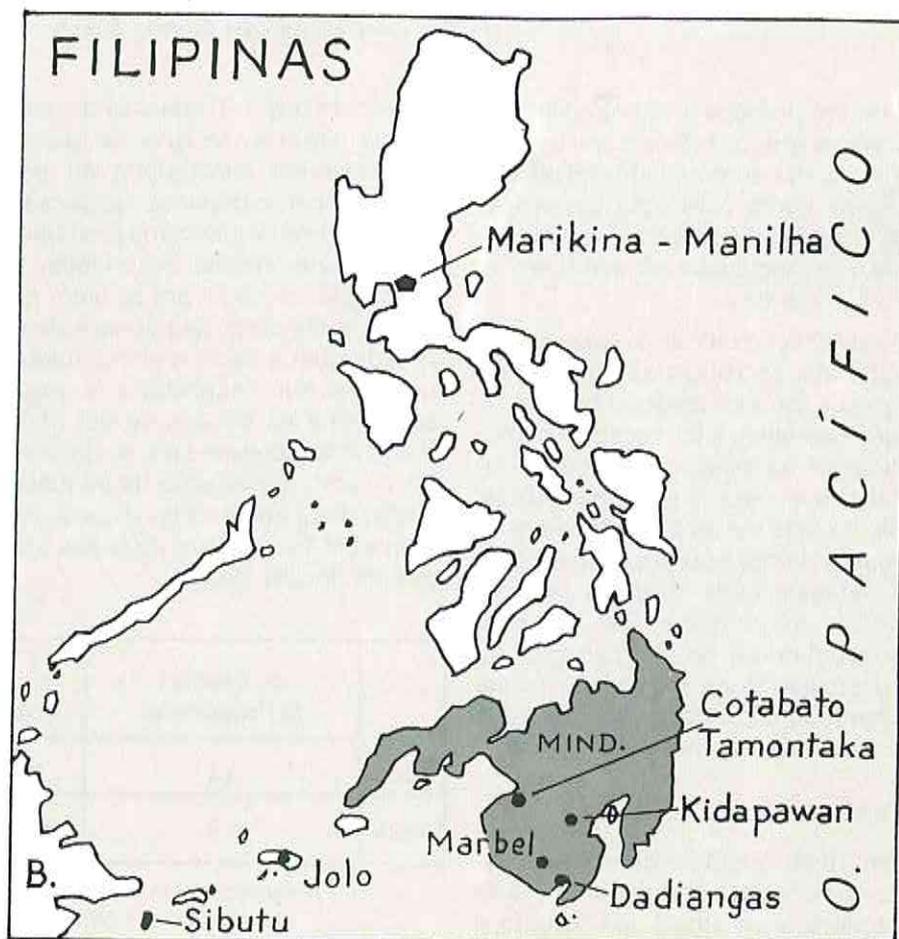


Ir. Renato Cruz, Provincial das Filipinas

dos a trabalhar em reduzidos pedaços de terra, em regiões montanhosas difíceis, por não disporem de áreas apropriadas.

Nos últimos vinte anos, a luta contra os revoltosos canalizou para o exterior grandes somas dos recursos governamentais que poderiam ter servido para minorar a pobreza. A guerra tem sido o grande inimigo do desenvolvimento.

A exigência dos muçulmanos, no sentido de obterem autonomia, é outro indício da diversidade de culturas e de história das Filipinas. A população está dividida por razões ideológicas e culturais, religiosas e tribais, políticas e sócio-econômicas.





Irmãos das Filipinas com o Irmão Superior Geral

Existem divisões entre os militares, entre os grupos rebeldes, na Igreja e mesmo nas comunidades religiosas. O país conta com uma população 85% católica. As diversas seitas cristãs e os muçulmanos constituem os 25% restantes.

A construção da paz é o grande desafio que se apresenta para toda a Igreja e para os Irmãos Maristas. A Igreja escolheu a formação de comunidades de base cristãs como lugar-chave para ajudar aos pobres, dando-lhes meios de verificarem as causas de sua pobreza, ajudando-os a estabelecerem projetos de produção econômica. Os Maristas interpelam-se se os campos de apostolado atuais são a resposta que Champagnat daria às necessidades da maioria do povo deste país.

O APOSTOLADO ESCOLAR

Em 1948, quatro Irmãos missionários americanos abriram uma escola secundária na cidade de Cotabato, a

pedido do bispo. Tratava-se de uma escola pequena na qual os quatro recém-vindos constituíam 40 por cento do corpo docente. Na década de 50, os Irmãos pioneiros aceitaram cinco novas escolas secundárias e duas delas expandiram-se além do ensino secundário. Seguiu-se a abertura de quatro escolas elementares, uma escola secundária e pós-secundária na década de 60. Mais trabalho foi acrescentado no decênio de 70 com a aceitação da administração de quatro escolas diocesanas que, aliás, foram devolvidas aos bispos na década de 80.

De 1948 a 1960, os Irmãos assumiram catorze novas escolas ou projetos. Segue abaixo um quadro ilustrando as grandes mudanças no crescimento da Província entre 1960 e 1989.

No início da história da Província, a resposta às necessidades da Igreja seguiu este esquema: aceitava-se um convite e os Irmãos desenvolviam as escolas conforme as necessidades da região. O que predominava na mente dos pioneiros era a qualidade do ensino. Dessa forma, os Irmãos desenvolveram serviços

	n.º de Escolas (*) & Programas	Alunos	Irmãos nas escolas	Professores leigos
1960	14	2995	30	69
1989	15	18900	28	556

(*) (Uma escola com departamento primário, secundário e pós-secundário é contada como três escolas.)

educacionais e programas de ensino que se tornaram modelo para todo o país. Nossas escolas deram novas oportunidades educacionais aos membros de culturas minoritárias que eram mais pobres do que os cristãos.

As escolas melhoraram a qualidade do ensino e das instalações com os recursos advindos dos estudantes. No decorrer dos anos, os alunos pobres ficaram reduzidos a uma minoria. Um número crescente de estudantes oriundos das famílias das classes média e superior matricularam-se em nossas escolas.

Apresentaram-se novos desafios com o aumento da efervescência política, tanto entre os alunos como entre os professores. Irmãos jovens, inexperientes, foram colocados em posições administrativas sem preparo para se defrontarem com greves periódicas, seja da parte dos professores, seja da parte dos alunos.

NOVOS DESAFIOS APOSTÓLICOS

Desde as primeiras fundações, os Irmãos demonstraram cuidado especial para os menos favorecidos, concedendo bolsas de estudo aos que não podiam pagar. Os Irmãos introduziram programas mediante os quais os estudos eram pagos com trabalhos executados nas escolas e descobriram outras formas de ajudar os mais desfavorecidos. Devido ao muito trabalho nas escolas, os Irmãos dispunham das férias de verão para um trabalho direto com os pobres: acampamentos de verão, aulas sobre a saúde para os jovens mais atrasados das áreas rurais.

Não há dúvida alguma a respeito da enorme contribuição dos Irmãos no desenvolvimento econômico do Sul por meio da formação de professores e de outros profissionais. Os Irmãos contudo, estão continuamente discernindo seu papel na educação cristã dos jovens mais pobres que não são atingidos pelas nossas escolas. Essa busca de algo mais eficiente foi finalmente expressa, na Assembléia de 1987 e no Capítulo de 1988, por meio da resolução da implantação de um apostola-

lado alternativo em favor dos pobres e da retirada dos Irmãos de uma das maiores escolas.

O grande desafio foi o de preparar professores leigos que pudessem administrar nossas escolas para o bem do povo. Não foi tarefa fácil a de equilibrar nossas responsabilidades entre as instituições que estabelecemos e nosso desejo de estar livres para outras formas de apostolado.

A fim de aprofundar a compreensão sobre a extensão da pobreza nas Filipinas, diversos Irmãos foram enviados em programas de inserção com os pobres com duração de duas semanas. As reflexões e sugestões desse grupo serão implementadas por uma equipe de Irmãos que morarão numa localidade pobre, durante algum tempo, a fim de descobrir as necessidades que podem ser atendidas dentro de nosso carisma.

A PASTORAL VOCACIONAL

Nas escolas de nível elementar, secundário e pós-secundário, os clubes do Bem-aventurado Marcelino (BMC) são meios para despertar vocações à vida religiosa. Cada escola Marista tem membros no BMC que se comprometem em seguir a espiritualidade de Champagnat. Os clu-

bes do Bem-aventurado Marcelino começaram há dez anos. A sexta convenção nacional propôs algumas mudanças nos estatutos desses clubes para dar maior oportunidade de formação aos moderadores e dirigentes. Espera-se que alguns detalhes do REMAR, existente na América Latina, possam ser incorporados na cultura dos jovens filipinos em seu trabalho de discernimento da vocação.

A FORMAÇÃO INICIAL

Ao mesmo tempo que a Província reexamina as expressões apostólicas apropriadas a nossa missão, os programas de formação também são revistos para ir de encontro às necessidades de nossos candidatos e aos compromissos de nossa missão no futuro. Os formadores estão prestando continuamente atenção às orientações apostólicas a fim de adaptar os programas formativos às necessidades atuais e futuras do apostolado. O contato com os pobres não é mais uma atividade opcional em um país no qual 60% são pessoas que estão abaixo da linha de pobreza.

Os que desejam ingressar na vida Marista são recrutados para serem membros do MAP (Programa Marista de Acompanhamento) que está



O corpo de formadores com o Irmão Renato

A vida das Províncias

aberto aos alunos dos colégios e das escolas profissionais. Para ajudar no discernimento vocacional, os membros reúnem-se regularmente e suas atividades apostólicas são supervisionadas por um Irmão Marista. Outro Irmão foi nomeado para trabalhar, em tempo integral, no acompanhamento dos 40 membros que já fizeram diversas reuniões em conjunto. Outros Irmãos são solicitados para ajudar no acompanhamento de integrantes do programa, pois, são considerados aspirantes maristas vivendo fora das casas de formação durante um ou quatro anos.

Postulantes



Os candidatos do MAP, julgados aptos a entrar nas casas de formação, são aceitos como aspirantes por um período de seis meses e como postulantes, durante outros seis meses. Os cinco postulantes que temos são a primeira turma recrutada do Programa de Acompanhamento Marista - dois têm profissão e três são alunos universitários. Os dois profissionais dão aula durante algumas horas e os outros três continuam o curso universitário. Além de palestras regulares e entrevistas com o mestre de postulantes, os candidatos ensinam o catecismo aos estudantes pobres das escolas elementares e às crianças que não frequentam escola alguma.

O programa de noviciado de dois anos tenta seguir o Guia de Formação Marista e abrange também a experiência do ensino semanal do catecismo aos alunos pobres de escolas elementares. Os noviços passam três meses em uma comunidade para aprender os aspectos práticos da vivência em comunidade apostólica Marista. Agora temos cinco noviços filipinos no primeiro ano; quatro filipinos e dois do Sri Lanka, no segundo. A Província da China enviou 3 noviços malásios nos últimos quatro anos. Essa situação está dando ao programa de noviciado um aspecto mais asiático.

O programa do Escolasticado era tradicionalmente voltado para a preparação dos Irmãos para o ensino. Devido às novas exigências do Guia de Formação, os escolásticos são guiados e acompanhados para se tornarem apóstolos Maristas. Agora 4 escolásticos estão residindo numa comunidade apostólica sob a supervisão de um formador cuja função é ajudar na formação de uma pessoa responsável e dotada da espiritualidade apostólica Marista.

Em junho de 1990, o Escolasticado será removido para Manilha com a possibilidade de ter outros escolásticos da Coreia, do Sri Lanka e da Malásia. O Escolasticado interasiático

co será um desafio especialmente ao querer incorporar no programa uma característica asiática. Por meio desse interrelacionamento com outros asiáticos, espera-se que os escolásticos dêem valor ao significado da internacionalidade e do respeito às outras culturas.

SINAIS DE ESPERANÇA

Apesar dos muitos desafios e dificuldades da Província, os Irmãos das Filipinas podem lobrigiar os seguintes sinais de esperança:

- A resposta entusiasta da maioria dos professores, dos estudantes e dos amigos na celebração do Ano Champagnat constitui uma evidente demonstração do fato de que o Instituto Marista é uma graça sempre atual.
- Muitos jovens ainda sentem-se atraídos para nosso modo de vida e estamos impressionados pela boa qualidade dos candidatos que nos chegam.
- Um bom número de jovens Irmãos e alguns mais antigos expressaram o desejo de trabalhar nos setores mais pobres de nossa sociedade.
- O Movimento Família Marista Champagnat foi lançado por 18 professores, animados por um Irmão. É um começo cheio de esperança, e, com certeza, outros núcleos surgirão para seguir a espiritualidade de Champagnat.
- O primeiro grupo de Irmãos que foi inserir-se com os pobres estão injetando nova vida e visão para o apostolado nas comunidades. Espera-se que mais Irmãos se decidam a dar o mesmo passo.
- O evidente espírito de boa vontade, cooperação e dedicação da maioria dos Irmãos.
- O testemunho dos que morreram pelo país e dos que estão sacrificando-se para introduzir uma sociedade mais justa nas Filipinas.

Ir. Renato Cruz
Provincial

A GRANDE ILHA

PROVÍNCIA MARISTA DE MADAGÁSCAR

IMPLANTAÇÃO MARISTA EM MADAGÁSCAR

Os Irmãos André Frederico e Maria Gamaliel chegam em Madagáscar em 1911 e fundam uma casa em Betafo, cidadezinha situada quase no centro da ilha sobre o altiplano. O Irmão Bráulio Maria vem ajudá-los em 1913, mas a Primeira Guerra Mundial impede outros reforços. O Irmão Maria Gamaliel é obrigado a regressar para defender a pátria.

Em 1920, os Superiores de Saint-Genis indicarão cinco novos missionários para reunirem-se aos dois que continuam a obra. Entre eles, o Irmão Bonus que exercerá as funções de diretor, mestre de noviços, visitador e construtor até 1949.

O primeiro Assistente Geral a visitar os Irmãos, Ir. Agostinho José, chega ao país em 1929, ano da morte de um dos fundadores, o Ir. André Frederico. Os Irmãos eram nove então.

Em 1931, os Irmãos Cipriano Solas e Rogério Adriano unem-se aos demais. O Ir. Cipriano (RaCip) ainda vive, ao passo que o Ir. Rogério Adriano (Paul Schaller) faleceu recentemente, em 13 de fevereiro de 1990, na Suíça.

Hoje, além do RaCip, vivem ainda os Irmãos Diógenes Dumortier, chegado em 1946, e João Maria Bigotto, vindo em 1959. Sobram apenas estes três valentes missionários, mas a história não se detém!

VOCAÇÕES LOCAIS

Desde 1917, os Irmãos vêm se preocupando com o recrutamento de vocações maristas entre os malgaxes. Em 1918, foi enviado à Europa o jovem Renato Próspero para fazer o noviciado em Bairo, Itália. Infelizmente, o clima minou-lhe a saúde e faleceu em 1919. Então, o Ir. Bonus solicitou e obteve permissão para

que fosse aberto um noviciado em Madagáscar mesmo. Nunca fechou as portas. Em média, dois malgaxes emitem a primeira profissão anualmente; às vezes, há somente um ou ninguém, mas em certos anos são mais numerosos. A metade persevera. Contam-se hoje setenta Irmãos malgaxes. Ocupam todos os cargos importantes da Província.

Em 1965, o Distrito de Madagáscar passa da tutela da Província de Varennes-Orient para a da Administração Geral. Em 1979, o Distrito opta para tornar-se Província apesar do fato de continuar financeiramente dependente da Administração Geral.

FORMAÇÃO

Até anos recentes, a formação era feita nos moldes ordinários: juvenato menor, juvenato maior, postulado, noviciado, escolasticado. Os juvenistas ingressavam no postulado após a quarta série. Depois de dois anos de ensino, conseguiam o diploma.

Hoje, o postulado recebe os que já tem o diploma em mão, e, além disso, concluíram o serviço nacional obrigatório para todo jovem malgaxe que completou o ensino secundário. É também uma das condições para poder sair do país. Apesar de ter supresso o juvenato menor, como é o caso agora, a formação é demorada, porque o escolasticado é feito em três anos. Ainda é cedo demais para ter a certeza, mas a formação hoje deveria dar melhores resultados e preparar melhor os jovens para enfrentar os desafios do amanhã.

POLÍTICA, ECONOMIA, ASPECTOS SOCIAIS

As origens do povoamento da ilha remontam a eras longínquas e continuam misteriosas. As levas chegadas do Oriente e da frica sucederam-se abordando a ilha por todos os pontos do quadrante ou lafivalo, como dizem os malgaxes (lafivalo = oito pontos), para ocupar um país de

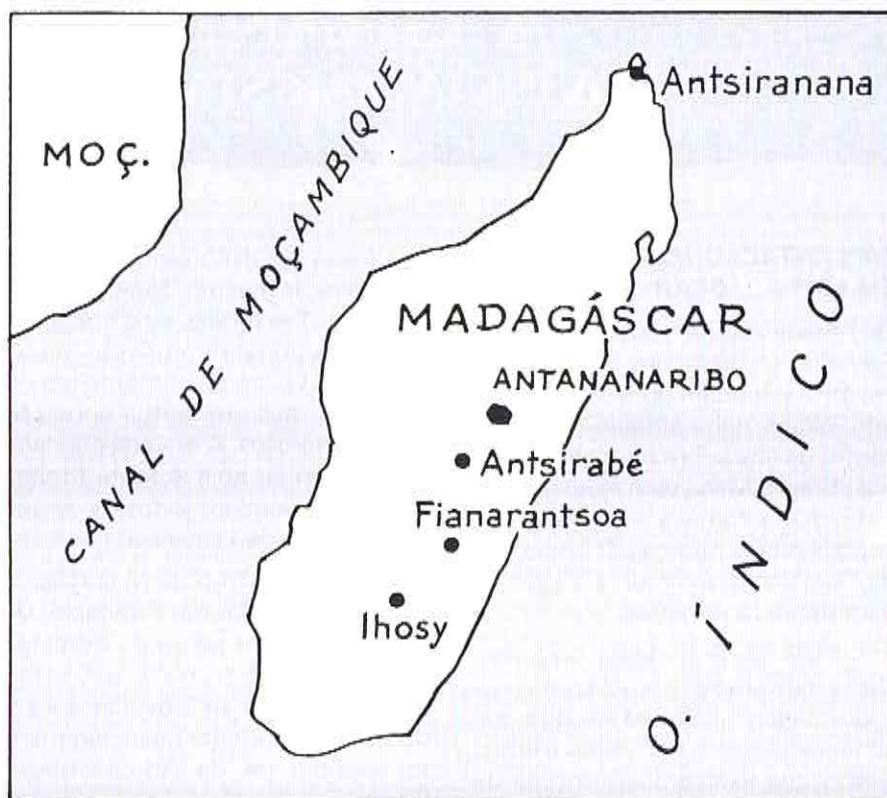


A bênção do menino, neoprofesso, faz parte das cerimônias, é rica e evocativa.

A vida das Províncias

mais de meio milhão de quilômetros quadrados. A população, que ultrapassa os dez milhões de habitantes, é unida pela mesma língua e pelo... arroz! A agricultura é variada, abrangendo alguns produtos raros: a baunilha, a canela, a pimenta, as plantas aromáticas, etc. Madagascar deve ter-se parecido com o Paraíso reencontrado para os primeiros habitantes que puseram o pé aqui. Hoje, infelizmente...

Quase desde os primórdios, Madagascar foi regida por um sistema de realeza mais ou menos respeitado pelos países colonizadores. A França exerceu a preponderância até a independência, em 1960. Em 1972 o partido marxista-leninista chega ao poder. Continua, embora a ideologia seja um pouco esfacelada nos últimos tempos. O país está se voltando para o Ocidente a fim de tentar sair do marasmo econômico que o invadiu.



Os alunos do primeiro ano da escola de Ihosy

Apesar das dificuldades advindas do homem e das inevitáveis trazidas pela natureza, os ciclones às vezes terríveis que se abatem periodicamente sobre a ilha, as pessoas conservam o sorriso e o bom humor. O povo é profundamente religioso e habituado à vida dura. «Você sabe, padre, dizia-me um taxista, o homem malgaxe é religioso; acredita nos antepassados e em Deus. Eu acredito no homem malgaxe!» Esperamos que o país possa reerguer-se em futuro próximo porque, acrescentava o mesmo cidadão «muita gente passa fome. A miséria endurece os corações! Cada um deve virar-se como pode para sobreviver». Os malgaxes, quase 55% com menos de vinte anos de idade, continuam a pesquisar algum sinal de futuro mais promissor.

A IGREJA EM MADAGÁSCAR

O povo malgaxe é religioso. O cristianismo entrou em Madagáscar com a chegada dos europeus, no século XIX. Por vezes, foi bem acolhido e outras, perseguido. Hoje, o cristianismo não mais se identifica com os brancos. A Igreja local tomou raízes e desenvolveu-se. Assumiu características locais e é vigorosa. A visita do Papa, em abril de 1989, comoveu profundamente os malgaxes. Foi durante essa viagem que João Paulo II beatificou Vitória Rasoamanarivo, uma leiga que conti-



Recente visita do Papa em Madagáscar

nuou a sustentar a Igreja sem pastor em momento crítico de sua história, de 1883 a 1886. «Sem a piedosa e corajosa Vitória, testemunha um padre Jesuíta, os 80000 católicos da Grande Ilha teriam sido dispersos e perdidos nos descampados como uma ninhada sem a choca, conforme comparação familiar dos malgaxes.»

Agora, mais de 40 % da população é católica, isto é, mais de dois milhões e meio. Batizam-se perto de 100000 crianças todos os anos. O número de padres malgaxes não é ainda suficiente para tantos católicos, mas os missionários continuam a cooperar. Existem esperanças.

Irmão Emanuel Ramarison
Provincial de Madagáscar



*Vitória Rasoamanarivo (1848-1894),
a primeira bem-aventurada de Madagáscar.*

Jesus, nosso irmão mais velho

*Nós te agradecemos, Jesus nosso irmão mais velho: Obrigado!
Por meio de nossas equipes, estamos crescendo: Obrigado!
Juntos trabalhamos com alegria. Obrigado!
Gostamos de prestar serviço em família: Obrigado!
Tu confias em nós, Jesus nosso irmão mais velho: Obrigado!
Nossos educadores confiam em nós também: Obrigado!
Tu nos das força, Jesus nosso irmão mais velho: Obrigado!
És tu que nos ajudas a realizar tudo isso: Obrigado!*

(«Canto dos meninos do Movimento «Ibalita»)

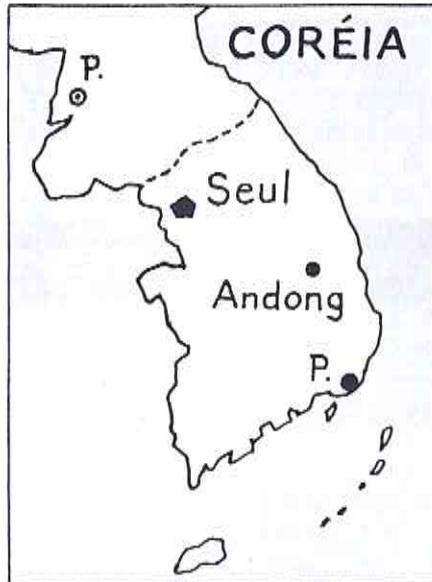
CORÉIA: NASCE UM DISTRITO

A AVENTURA DO INÍCIO

Os concílios ecumênicos, apesar de tudo (sem falar de Monsehor Lefèvre) trazem muitas coisas boas. Nos anos setenta, a Província do México Central, como que impulsionada pelo Concílio, decidiu fundar uma missão no exterior. Os Irmãos Arturo Chávez e Enrique Ruiz deram a volta ao mundo em busca de um lugar para ser missionado. Os padres Missionários de Guadalupe nos tinham precedido na Coréia e, ao dialogar com eles, convenceram-nos de que não havia melhor lugar do que a Coréia...

Foi uma loucura? Religião budista, idioma difícilíssimo, invernos siberianos e cultura exótica, para não dizer misteriosa, distante 10 000 quilômetros do México.

Os quatro Irmãos fundadores dedicaram dois anos inteiros para aprender o indispensável da língua... Depois de um ano como hóspedes dos Padres Franciscanos, alugaram uma casa ordinária em um bairro pobre e



começaram o trabalho. Desde os primórdios, buscaram vocações. Tendo decidido de estar com os desvalidos, foram para a diocese mais pobre, em Andong, a 300 quilômetros da capital.

Descobriram que a Coréia não precisa de escolas. Até os povoados mais remotos têm o ensino gratuito e

existem cursos secundários em abundância. Há, no país, uma centena de universidades com as especializações mais requintadas. Digo isto porque, quando abrimos uma casa na capital, certa universidade dedicada a idiomas estrangeiros, nos pediu para que ensinássemos o espanhol... Ali pode-se chegar ao doutorado tanto em língua russa, como swahili, chinês, indonésio, finlandês ou húngaro.

COM OS LEPROSOS E OS ÓRFÃOS

A Coréia do Sul está superpovoada: 42 milhões de habitantes para 98 000 quilômetros quadrados. Para poder alimentar a família, os pais têm de trabalhar, às vezes, em condições muito penosas de dez a quinze horas diárias, sem nenhum tipo de subsídio familiar.

Apesar dos progressos extraordinários levados a efeito em todos os campos, inclusive na medicina, continuam os leprosos. Embora não haja perigo de contágio, são pessoas que se sentem relegadas, tanto nas cidades como nas zonas rurais, exatamente como no tempo de Cristo. Foram criadas aldeias reservadas para eles e suas famílias: enfermos e sadios convivem e, apesar de sua condição inferior, o divórcio é muito raro e os filhos são muito respeitosos para com os pais. Contudo, para esses marginalizados da sociedade, as vistas são poucas, os remédios raros e o interesse, quase nulo.

O bispo de Andong nos convidou para que nos encarregássemos do hospital Damião, para os leprosos. Sem tê-lo procurado, o Senhor nos levava aos miseráveis entre os mais pobres. Nosso hospital prosperou. Agora ajuda a toda a população leprosa da diocese recolhida em seis povoadinhos escondidos nas montanhas. O hospital é um grande complexo, com uma clínica para os enfer-



Noviços e Irmãos de votos temporários

mos da pele e um asilo para anciãos sem parentes, desamparados e praticamente carcomidos pela lepra.

Nossa obra principal é, portanto, o cuidado dos leprosos com mais quatro Irmãos em atividade no centro diocesano de Yeong-Tchoo. Visitamos as famílias dos enfermos de toda a província e as seis aldeias que existem em torno da clínica e do dispensário, ambos especializados. E nos dedicamos não somente ao tratamento, mediante o qual, por exemplo, se submerge a mão do leproso em cera quente, mas nos encarregamos do trabalho educacional e social com essas famílias.

O Senhor também nos enviou a um orfanato do Estado, ou melhor dito, um estabelecimento da cidade de Seul. Além do ensino elementar, os jovens se formam em diversos misteres modernos que lhes permitem inserir-se na vida ativa. Desta maneira, os Irmãos oferecem sua ajuda às carências sociais, como fez Champagnat nos primeiros tempos.

UM CRISTIANISMO EM ALTA

A atividade intensa, o sentido do trabalho, a inteligência técnica converteram esse povo num Estado moderno, que organizou, com êxito espetacular, os Jogos Olímpicos de 1988.

Em matéria religiosa, os sul-coreanos são pesquisadores apaixonados da verdade e sedentos de justiça. Há, no Coréia do Sul, dois milhões de ca-



Noviços do segundo ano

tólicos e umas 50000 conversões anuais. O país foi escolhido como sede do Congresso Eucarístico Internacional, em outubro de 1989, um Congresso preparado com toda a seriedade pelos católicos, desde 1985, com um programa bem atual: ser cristão na família, no bairro, na paróquia, no país. Vasto programa ao qual se associaram os Irmãos Maristas mediante o trabalho catequético que assumiram nas paróquias ou nos setores nos quais se lhes confiou a animação religiosa.

O cristianismo aparece como uma religião de libertação. Recorda o êxodo dos judeus, ou mais perto de nós,

a América Latina, mas com outro estilo. Nossa Igreja coreana repousa sobre o fundamento dos cento e três mártires do século passado, recentemente canonizados por João Paulo II. Contudo, o futuro desta cristandade é frágil por motivos ligados à situação atual. Existem muitos batismos e eucaristias, mas a conversão do coração leva muito mais tempo. A tentação do dinheiro é fortíssima para todos os coreanos, inclusive para os cristãos. Uma das preocupações de nossos bispos é o acompanhamento dos batizados, porque alguns abandonam tudo depois de algum tempo.



Alunos do orfanato dirigido pelos Irmãos

A vida das Províncias

UM DISTRITO ESPERANÇOSO.

Agora existem vinte e três Irmãos na Coréia: dezassete coreanos e seis mexicanos, dos quais três estão no estrangeiro. O ritmo de crescimento é de quatro noviços cada ano. Os Irmãos mexicanos seguem o parecer de S. João Batista: deixar que Ele cresça e...desaparecer. Os Irmãos coreanos pouco a pouco estão tomando conta da orientação do Distrito. São diretores, conselheiros, mestre de noviços..e, com certeza, daqui a algumas semanas, teremos um coreano como superior do Distrito.

Nossas prioridades são: a vida de oração, a promoção vocacional e a formação. A respeito da vida de oração direi que não é problema para os coreanos, pois têm uma tradição de meditação profunda, de contemplação silenciosa. Não é por nada que temos tantas pessoas vêm aqui para aprender o Zen, a Yoga e outras práticas.

A respeito da promoção vocacional, os Irmãos coreanos contam com a ajuda de numerosas religiosas, companheiras da escola de teologia, que em suas paróquias vão descobrindo os jovens de que precisamos. Exigimos que os candidatos venham com o curso secundário concluído, uns cinco anos de vida cristã (há muitos recém-convertidos que devem primeiro viver uns anos de vida paroquial fervorosa) e com o serviço militar concluído.

Curiosidades sobre os costumes. A comida: comem tanto cobras como carne de cachorro. Mas, segundo a tradição confucionista, dão sempre o melhor bocado ao mais ancião, o que assina teve de aceitar o «melhor bocado» de um saborosíssimo cão. Se não tivesse aceito ou comido, teria sido uma grande falta de educação. O melhor de tudo foram os testículos do cachorro! Não se espantem, mas recordem que a fa-

mosa ENCULTURAÇÃO não é palavra elegante quando se está nas missões; é uma realidade, é comer como os coreanos, é fazer-nos tudo para todos!

Agora somos Distrito. Vamos continuar como antes? Não! Os trâmites com a Casa Generalícia serão mais expeditos...Oxalá! E que não falte a juda econômica da província. A Providência está presente.

Constituímos um Distrito jovem, otimista, dinâmico, do tipo de Champagnat. Temos alguns probleminhas como todo jovem: crise de crescimento, crise econômica, dado que muitas bocas comem e poucos ganham dinheiro. Mas existem grandes motivos de esperança dado que os jovens Irmãos coreanos aceitam com prazer a mensagem de Champagnat.

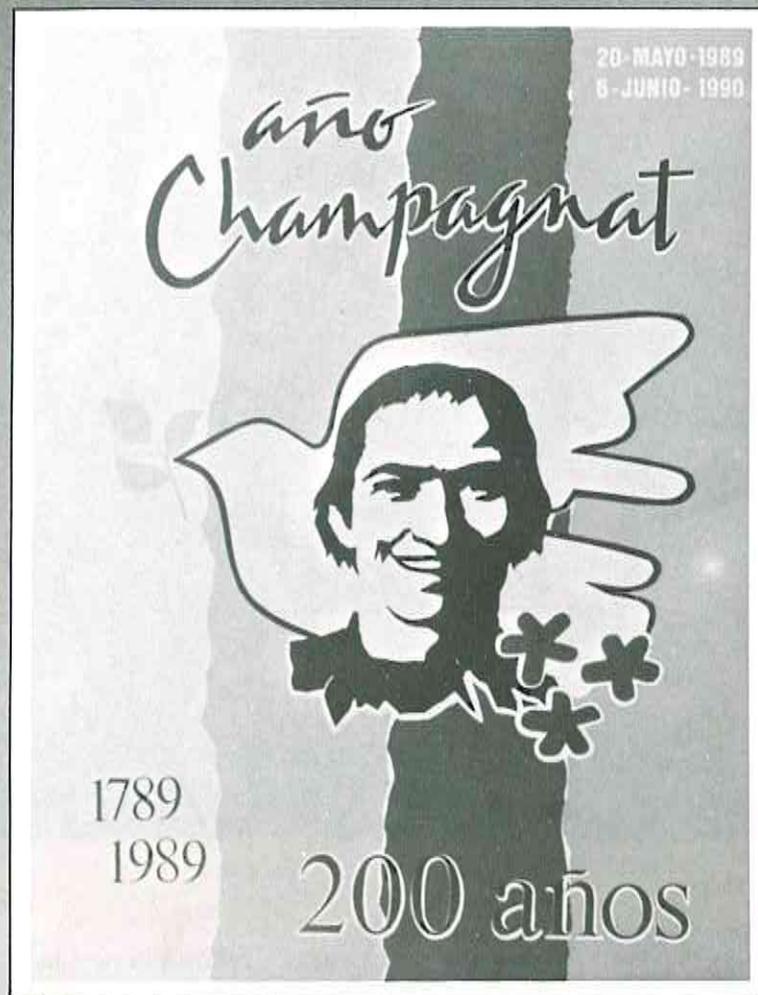
Ir. Alfonso Wimer, Secretário

N.B. Alguma coisa foi extraída de «Présence Mariste», n.º 181, 4º trimestre 1989, p. 8-10.



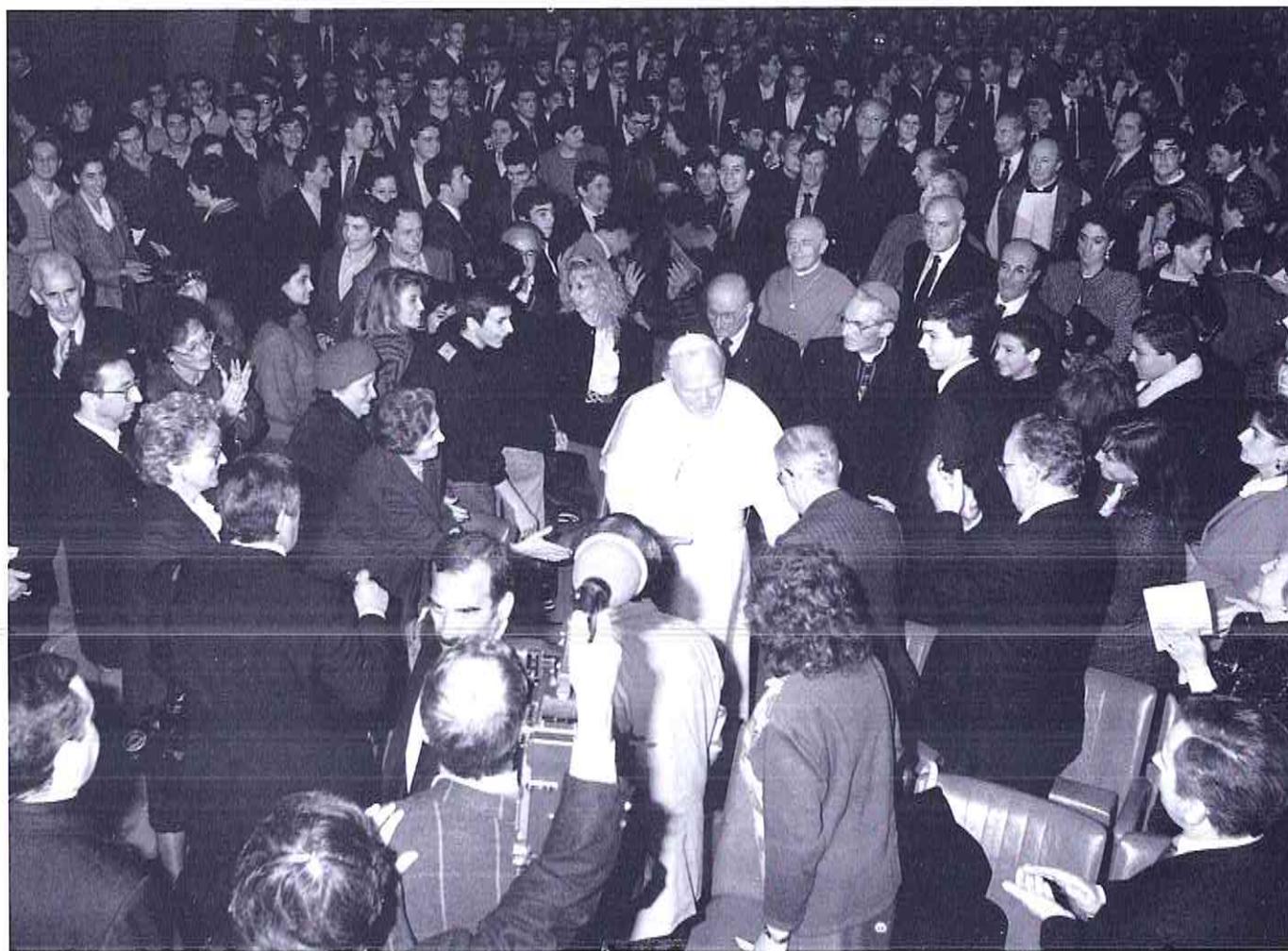
Cerimônia em frente ao hospital dos leprosos

CRÔNICAS DO MUNDO MARISTA



- Visita do Papa ao Instituto São Leão Magno, de Roma.
- A missão marista em Gana (*Ir. Michael Oruche*).
- Plano de educação da fé e a justiça.
«O pobre é meu irmão» (*Ir. Néstor Quiceno*).
- Abertura oficial do C.I.M. Nairobi (Quênia). (*Ir. Luís G. Sobrado*).
- 5º Encontro de Irmãos escolásticos da Espanha e da Itália.
(*Ir. Eugênio Sanz*).
- Presença marista em Nicarágua (*Ir. José Maria Ferre*).

VISITA DO PAPA ao Instituto São Leão Magno, de Roma



Entrada do Santo Padre no salão

«Saudações, estamos convosco, sede forte...» eram algumas das expressões escritas nas bandeirolas que tinham sido preparadas pelos jovens do Instituto São Leão Magno e que, em seguida, foram oferecidas ao Santo Padre no final do encontro, realizado no salão de conferências do colégio. Atrás do estrado onde o Papa tomou assento, um grande mural, em cores vivas, representava o Bem-aventurado Champagnat ladeado por alguns jovens.

O Irmão Gildo dirigiu algumas palavras de saudação ao Papa, em nome de toda a comunidade educativa da escola São Leão Magno. «Nós queremos vos agradecer, disse o Irmão Diretor, porque vossa visita é para nós uma grande dádiva que suscita em nós a emoção filial. Vossa visita vem coroar os festejos do centenário de nossa escola que, no longínquo 1887, foi oferecida pelos Irmãos Maristas a Sua Santidade Leão XIII, por ocasião de seu jubileu sacerdotal.»

Em suas palavras de agradecimento, o Papa acrescentou: «Que São Leão Magno vos abençoe». Era uma referência ao nome da escola.

E o Irmão Gildo prosseguiu: «Hoje a escola São Leão Magno compreende dez aulas de nível elementar, doze do médio e vinte aulas do secundário, com as secções do clássico e do científico. Ao todo, 1150 alunos. Há também uma comunidade de trinta religiosos, um grupo de cinquenta e oito professores leigos, além de diversos colaboradores que trabalham em serviços variados.

No início do segundo centenário, além das orações que elevamos a Deus em preparação desta visita, queremos oferecer a V.Santidade nosso compromisso com a educação humana e cristã da juventude para a qual Deus nos envia e que se apresta a ingressar no ano 2000.

Crônicas do mundo marista

Com esse objetivo, nós procuramos identificar-nos com o espírito do Bem-aventurado Marcelino Champagnat, nosso fundador. Neste ano, o mundo marista celebra o Ano Champagnat para comemorar o bicentenário de seu nascimento que teve lugar em 20 de maio de 1789.

Esse humilde padre, todo devotado a Deus e a Maria, agora é conhecido e venerado em todos os continentes, em mais de 800 estabelecimentos nos quais os Irmãos se dedicam à educação da juventude, sobretudo nas escolas. Boa parte dessas obras acham-se em países em vias de desenvolvimento.

Marcelino Champagnat não podia ver uma criança sem sentir grande desejo de dar-lhe a conhecer quanto Jesus a ama e como corresponder a esse amor.

Em nossa missão de educadores, deu-nos como modelo Maria, a educadora de Jesus, o Filho de Deus, em Nazaré e deixou-nos como lema : «Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus».

O amor à Igreja e ao Papa constitui igualmente uma herança que nos vem dele. Pedia aos Irmãos que ficassem de pé durante a leitura de uma encíclica de Leão XII e dizia muitas vezes: O Papa é, para o mundo moral, o que é o sol para o mundo físico. Queremos que esse amor à Igreja e ao Papa seja arraigado em nossos corações e nos corações dos que freqüentam o Instituto São Leão Magno.»

A seguir, os representantes dos diversos grupos, que trabalham no colégio, apresentaram ao Papa suas realizações e o compromisso que tema serviço da comunidade escolar. Tomaram a palavra sucessivamente: um pai, um escoteiro, um membro do banco de sangue (uma organização criada há quinze anos e que agrupa doadores gratuitos de sangue, jovens, idosos, antigos alunos, membros das famílias), um jovem desportista, um rapaz que trabalha nas atividades da Caritas, um representante da Liga Missionária dos estudantes, uma mãe de família, um antigo aluno, um Irmão Marista, um aluno das séries finalistas, um animador dos encontros de oração organizados na capela do Instituto. Cada um ofereceu ao Papa um pequeno presente.

L'Osservatore Romano
20 Novembro 1989

Uma oferenda sincera de fidelidade e de amor ao Cristo da parte dos jovens.



*Oração do Santo Padre
na capela do São Leão Magno*

A MISSÃO MARISTA EM GANA

UM POUCO DE HISTÓRIA

A missão de Gana, no meu modo de ver, é toda ela obra de Deus. Foi uma inspiração que veio de Deus de uma forma que nunca se teria imaginado. Este fato, de que a missão vem inspirada do alto, nos sustentou durante os treze anos de história desse projeto.

Diria que a história começou em novembro de 1977, quando o Capítulo do Distrito, que estava examinando o apostolado como tema principal, decidiu que a Nigéria deveria aceitar de ir para uma missão em qualquer um dos países de fala inglesa, no Oeste Africano. A confirmação desta proposta veio quase imediatamente, quando em fevereiro do ano seguinte, 1978, chegou uma carta endereçada simplesmente: «Ao Superior da comunidade de São José, Irmãos Maristas, Uturu, Nigéria.» Essa carta vinha de D. Peter Kwasi Sarpong, bispo de Kumasi, Gana. Nela dizia que tinha candidatos para a vida religiosa de irmão leigo, se estivessemos interessados. Depois de ter recebido a certeza de que o bispo não tinha a intenção de fundar uma congregação de irmãos, mas preferia antes uma internacional, já existente, para que fundasse uma casa em

sua diocese, o Conselho do Distrito decidiu que eu solicitasse ao bispo que mandasse tais candidatos ao noviciado da Nigéria para a formação inicial... Depois, fui convidado a encontrar-me com o bispo para entrevistar os aspirantes. Foram aceitos quatro jovens que, três meses mais tarde, chegaram para serem formados Irmãos Maristas. Assim começou a história da missão nigeriana Marista em Gana.

De 1978 a 1982, o Irmão Michael Oruche visitou Gana todos os anos para reunir-se com os aspirantes e discutir o possível estabelecimento dos Irmãos na diocese. Os quatro primeiros candidatos, acompanhados por quatro Irmãos, regressaram a Gana para lá emitirem a profissão, depois de completado o noviciado, em 1982. Entrementes, continuavam os preparativos para uma eventual fundação de uma missão em Gana. Foram escolhidas datas e, finalmente, fixou-se o ano de 1983. Foi então que começaram as dificuldades. Em primeiro lugar, como resultado da experiência dos que foram a Gana para a profissão dos quatro primeiros ganeses, um dos que já tinham aceito de dirigir o grupo desistiu. A busca de um substituto revelou-se inútil durante toda a primeira parte do ano de 1982.

De minha parte, estava tão empenhado no projeto que ao ver que poderia não ter êxito, ofereci-me como voluntário. Não apareceu nenhum companheiro até que fosse nomeado o Ir. Edmund Nwankwo, recém-voltado da Austrália. Foi em 10 de março de 1983 que o Ir. Edmund e eu chegamos ao aeroporto de Acra e continuamos para Kumasi. Permanecemos na casa do bispo durante os cinco primeiros dias. Depois, fomos para a sede de nossa nova comunidade na missão de São Paulo, em Amakom, no dia 15 de março. Começamos oficialmente os trabalhos no dia 19 de março, solenidade de S. José, que escolhemos como nosso patrono e especial protetor. Os Irmãos Anthony Enyikpe e John Baidoo, um dos quatro primeiros ganeses, chegaram em novembro de 1983.

FINANCIAMENTO DO PROJETO

O bispo de Kumasi, que convidou os Irmãos para sua diocese, de alguma forma, também assumiu a responsabilidade do projeto. Providenciou acomodações convenientes para os Irmãos na missão católica de S. Paulo, em Amakon e o dinheiro que precisavam para viver durante o primeiro ano; iniciou a construção do Centro de Formação com seus recursos; pediu auxílio às diversas entidades assistenciais; forneceu a mobília da casa de Amakon e do Centro de Formação; comprou um carro para os Irmãos.



Os Irmãos Philip e Francis, ganeses, entre seus dois formadores, os Irmãos Michael e Rafael.

No contrato, passado entre os Irmãos e a diocese, foram acertadas, entre outras coisas: a propriedade dos prédios do Centro de Formação é da diocese, mas os Irmãos Maristas dispõem deles no período de trinta anos, no fim dos quais, podem estabelecer uma casa própria ou renegociar. O bispo será responsável pela manutenção dos Irmãos diretamente envolvidos no apostolado da diocese. Os Irmãos Maristas tomaram a si as despesas da formação de seus candidatos e a manutenção dos formadores.

O QUE NOS ANIMA

São alguns aspectos que nos encorajam:

Deus mesmo, que nos ama e nos enche de bênçãos, nos guia e nos inspira dia após dia.

O bispo de Kumasi, que realmente considera o projeto como seu. Recebeu-nos de braços abertos e nos inseriu em sua diocese. Os Superiores do Distrito, tanto o Irmão Hyacinth como o Irmão Clement, que muito ajudaram com seu apoio, e, no período mais difícil da missão, os membros do Conselho Geral, a Província do México Ocidental que nos enviou dois dos melhores elementos na pessoa dos Irmãos Rafael e Sérgio para nos ajudar.

Há, naturalmente, momentos em que as coisas são pesadas e a coragem baixa. Houve horas de frustração causada por fatores diversos e que são inevitáveis. Contudo, todas essas situações de desânimo mais nos encorajam do que nos prostram porque achamos que tudo são desafios que devemos enfrentar, com a graça de Deus, para sua maior glória e para o bem das almas.

PESSOAL

Começamos o novo ano escolar com grandes esperanças porque mais auxiliares nos chegaram com os Irmãos Christian Mbam, que assumiu a tarefa de mestre de noviços,

antes entregue ao Irmão Michael Oruche, e o Irmão Sérgio Vázquez que se tornou o promotor vocacional. O Ir.Sérgio trabalha também no Centro Diocesano para as escolas secundárias não-católicas como base para sua pastoral vocacional. Ambos os Irmãos estão se dando muito bem.

Os indicados para a nova escola foram os Irmãos Edmund Nwankwo, Michael Oruche e Magnus Igboekwe. O trabalho da nova escola teria já começado não fosse a desistência do Irmão Magnus, no último minuto. Assim, agora, as coisas estão neste pé: Ir.Christian, mestre dos noviços e postulantes, auxiliado pelo Ir.Rafael; o Ir.Edmund continua a lecionar em Opuku; o Ir.Michael prossegue como líder da missão na equipe de formação; Ir.Sérgio, promotor vocacional e trabalho na equipe do Centro Diocesano; o Ir. Sylvester Owusu é estudante. Os seis Irmãos estão distribuídos em duas comunidades, o Centro de Formação e a de S.Paulo, Amakon. Além do Ir.Silvester, há cinco Irmãos ganeses, todos de votos temporários. Três deles freqüentam o Centro Marista Internacional, em Nairobi: os Irmãos Francis, Philip e John. Outros dois, os Irmãos John Kingsley e Daniel são recém-professos.

NOSSAS ATIVIDADES

Achamos que nosso principal empenho, agora, deve concentrar-se na formação e todos, de uma forma ou de outra, estão empenhados. Além deste apostolado maior, os Irmãos Edmund e Sérgio desenvolvem o trabalho nas escolas. O Ir.Edmund acompanha as atividades da escola normal de Opuku, onde ensina geografia e outras disciplinas, organiza a vida religiosa e espiritual dos jovens em companhia do capelão da escola.

O Irmão Sérgio, com os outros membros do Centro Diocesano, dá aulas de religião, planeja seminários e pales-



O Ir. Philip Ninfaasie e sua família no dia da profissão.



O Irmão Francis Attah rodeado de sua família tribal

tras, conduz os serviços litúrgicos para os estudantes católicos em instituições não-católicas da área de Kumasi. Além disso, organiza palestras e visitas para os aspirantes à vida Marista, acompanha os que dão mostra de tornar-se religiosos, toma parte nas atividades da pastoral vocacional diocesana. Produziu uma pequena brochura sobre a vocação de Irmão, mas ainda não foi impressa. Faltam fundos!

A equipe de formação dedica-se ainda:

- ao apostolado catequético...especialmente para os que estão em formação;
- a trabalhos com a gente da localidade para melhorar suas condições de vida por meio da educação sanitária, instrução sobre a maneira de melhorar a agricultura, fornecimentos de boas sementes, amanho da terra, inseticidas, etc.;
- à assistência aos excepcionais ajudando-os a obter o que precisam. Alguns foram levados aos hospitais para operações que os possibilitam a andar;
- ao cuidado dos deficientes mentais: internamento em hospitais, acompanhamento após a alta, ajuda nos centros de reabilitação para os que se recuperam de doenças mentais.

Até agora, o dinheiro para essas atividades em favor dos pobres veio de nosso antigo capelão, o Pe. Joe Moonen. Ao deixar o Centro de Formação, legou aos Irmãos Maristas o cálice de ouro que os pais lhe deram no dia da ordenação. Isso é de certa forma entregar o coração para nós. Queremos expressar nossos sentimentos respeitosos por esse gesto de amor.

PLANOS PARA A MISSÃO

Tivemos uma série de reuniões para pôr em dia um plano comunitário, estabelecer as estruturas que a missão de Gana precisa, tendo em vista a elaboração dos estatutos do Setor. O objetivo da missão de Gana é de contribuir ao crescimento da Igreja do país, despertar e desenvolver vocações Maristas.

A missão começou na paróquia de São Paulo, Amakon, Kumasi. Alguns Irmãos transferiram-se para o Centro de Formação, embora as duas casas atuem e planifiquem como uma só comunidade. Agora, porque chegaram mais Irmãos para atender às necessidades do apostolado na missão, é necessário modificar nossas estruturas para enfrentar a nova situação.

PROJETO DA NOVA ESCOLA

O sistema escolar é de seis anos de primário, três anos de secundário, 1º grau, e três anos de secundário, 2º grau. A escola secundária de 1º grau substituiu a antiga escola média e está localizada em todas as aldeias ou cidades que tinham aquela escola antes. A escola do 2º grau está localizada em áreas diversas para poder atender aos que concluíram o 1º grau. Dado que se trata de um sistema novo, os detalhes não foram bem fornecidos. Os Irmãos são solicitados para todos os três tipos de escola: primária, e as duas secundárias, de modo especial naquela área da diocese que o bispo ofereceu aos Irmãos. Contudo, o mais premente agora é a escola de 2º grau que ainda deve receber os alunos de mais de seis ou sete escolas de 1º grau da região.

A escola a ser iniciada pelos Irmãos será um externato com a possibilidade de construir um pensionato, se desejarem. Isso será problema dos Irmãos. O projeto ainda está em

estudos. A área em exame tem a superfície de dezoito hectares. Um arquiteto completou as plantas do prédio e o projeto foi submetido às agências assistenciais para conseguir o dinheiro necessário. O objetivo é de começar em 1990, com os alunos saindo das escolas do 1º grau da região.

A escola está localizada numa das aldeias menos desenvolvidas da diocese, a cerca de trinta quilômetros do Centro de Formação. A rodovia é boa e a gente está muito entusiasmada.

Além das atividades normais, a escola servirá também como base para adifusão da instrução e o trabalho de desenvolvimento para a população circundante. O empenho dos Irmãos dependerá do número disponível, de suas habilidades e talentos. Para começar em 1990, precisamos de pelos menos três Irmãos, excluindo o Ir. Sérgio e os jovens Irmãos que estão se preparando seguindo a formação pós-noviciado no Quênia. Mas, de momento, só dispomos do Ir. Edmund e Michael Oruche.

OUTROS TIPOS DE APOSTOLADO PARA OS IRMÃOS

Trabalho pastoral: O bispo encarregou os Irmãos de todas as aldeias da região. Deles depende a forma de trabalho e os objetivos a serem alcançados. Isso significa: catecismo, culto aso domingos, levar a comunhão aos doentes, etc. Espera-se que os Irmãos organizem a vida espiritual dessas aldeias, em colaboração com o clero paroquial.

Trabalho de desenvolvimento: Isso quer dizer trabalhar pelo estabelecimento de projetos com a população na área da agricultura e da produção de alimentos, uma necessidade muito sentida nesta parte da região de Ashante, levar a gente a auxiliar-se por meio de cooperativas, caixas assistenciais, etc.

O que se precisa é de um grupo de Irmãos que possuam o espírito missionário, atitudes e visão missionárias. Homens que não receiem enfrentar dificuldades e situações duras.

AGRADECIMENTOS

Queremos encerrar expressando nossos agradecimentos pelas diversas formar como o Superior do Distrito e seu Conselho ajudaram no desenvolvimento da missão, pelo seu encorajamento em dinheiro e pelas visitas carinhosas que nos fizeram.

Acredito firmemente na missão de Gana. Deus a quer, Maria, nossa Boa Mãe, está conosco e apesar das dificuldades de hoje, Ela nos conseguirá a vitória final. Marcelino Champagnat gosta desse tipo de trabalho que estamos fazendo aqui porque é com os menos privilegiados.

Continuemos a rezar pelo bom êxito desta missão Marista. Jesus e Maria, por amor de quem estamos aqui, estão nos ajudando e ajeitando as coisas em nosso favor. Confiamos neles e nada falhará.

Extraído de diversos relatórios do Irmão Michael Oruche.



O Ir. Sérgio Vásquez com seu grupo de meninos ganeses

PLANO DE EDUCAÇÃO DA FÉ E A JUSTIÇA

«O POBRE É MEU IRMÃO»

INTRODUÇÃO

«Compartilhar, compartilhar com alegria, porque o mundo se esqueceu de compartilhar», rezava um slogan publicitário de alguns anos atrás. Fazemos muitas coisas bonitas, em silêncio, em nossos centros educativos; realizações essas que, se compartilhadas, fornecem idéias às pessoas e às instituições interessadas em colaborar na mudança qualitativa de que a educação carece.

Com este objetivo, colocamos em suas mãos uma idéia que facilmente canaliza as preocupações, que todos temos, de educar para a mudança, a partir da fé cristã.

O PLANO NACIONAL PARA A SOBREVIVÊNCIA E DESENVOLVIMENTO INFANTIL E O SERVIÇO SOCIAL DA EDUCAÇÃO DOS ADULTOS

Na primeira parte, por alto, apresentamos uma visão da evolução da doutrina social da Igreja depois do aparecimento da encíclica *Rerum novarum* até a 3ª conferência dos Bispos Latino-americanos, em Puebla.

Passamos logo a enunciar algumas premissas educativas que esclarecem o plano concreto O POBRE É MEU IR-

MÃO, que descrevemos com bastante extensão, para que possa ser entendido pelos educadores interessados em formar na justiça, partindo da práxis cristã.

EVOLUÇÃO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

A Igreja, desde as origens, manifestou interesse constante para o pobre, o débil, o enfermo, o marginalizado porque, um dos sinais de que o reino de Deus está entre os homens, é que aos pobres está sendo anunciado o Evangelho (cf *Lc 4,18*).

Em fins do século passado, quando o capitalismo organizou seu sistema de produzir dinheiro por meio da produção industrial, o operário teve que suportar situações de trabalho lamentáveis: salário de fome, jornadas de trabalho de catorze ou dezasseis horas, nenhum dia de descanso durante o ano e alojamento inumano. O Papa Leão XIII fez ouvir sua voz contra «o escasso número de ricos e opulentos que impunham o jugo quase servil, a uma imensa multidão de proletários», publicando a carta magna da doutrina social da Igreja, a Encíclica *Rerum novarum*. A ela seguiram-se outras de sentido social valioso; todas publicadas por motivo de diversos aniversários da *Rerum novarum*:

1931: Pio XI	Quadragesimo anno
1961: João XXIII	Mater et magistra
1967: Paulo VI	Populorum progressio
1971: Paulo VI	Octogesima adveniens
1981: João Paulo II	Laborem exercens

Em 1968, tem lugar a reunião do CELAM em Medellín. Lá adquire nova cidadania uma nova maneira de enfocar as relações Igreja-mundo: partindo da realidade, não da doutrina, como então se fazia em todos os documentos eclesiais; considera-se essa realidade à luz da fé e do Evangelho; tomam-se decisões pastorais.

Em 1971, o Sínodo dos Bispos estuda o tema da Justiça no mundo e critica «a ordem estabelecida» como também o sistema educativo vigente. Diversos congressos educacionais em nível continental e mundial refletem sobre a «educação para a justiça» porque descobrem o papel transformador da sociedade que tem a educação.

Em 1971, Gustavo Gutiérrez publica sua «Teologia da Libertação» onde se revela a pobreza Latino-americana, resultante de uma situação de pecado social.



O pobre é meu irmão

Os Bispos, em Puebla, em 1979, fazem uma análise da realidade Latino-americana e vêem «como um escândalo e uma contradição o fato de ser cristão e a crescente brecha entre ricos e pobres. O luxo de uns poucos converte-se em insulto contra a miséria da grande maioria. Isso é contrário ao plano do Criador e à honra que lhe é devida. Nessa angústia e dor, a Igreja discerne uma situação de pecado social de gravidade tanto maior porque acontece em países denominados católicos e que têm capacidade de mudar» (p.28).

Com muita objetividade, Puebla definiu a América Latina como:

- um continente de pobres,
- um continente religioso,
- um continente de injustiça.

Permitam-me um breve comentário sobre cada uma dessas características, sob o ponto de vista educacional.

A AMÉRICA LATINA: UM CONTINENTE DE POBRES

Esta é uma realidade amplamente descrita nos vários documentos das mais diversas ideologias e acredito que não é necessário repetir o que é conhecido por todos. A América Latina por sua angustiante dívida externa, converteu-se em exportadora de capitais, devido aos juros elevados que deve pagar mensalmente às nações do Primeiro Mundo. A consequência interna disso é o empobrecimento crescente das pessoas, o aumento da criminalidade e do roubo como meios de subsistir.

Isso nos está exigindo uma «conversão» pessoal e institucional no fato educativo, isto é, a realidade da pobreza deve estar presente no processo educacional, tanto em seu ponto de partida como no desenvolvimento e término, não importa a partir de que nível social se eduque. É necessário que esta ótica educativa seja clara em todas as faixas: pais de família, educadores, alunos, colaboradores.

Dada a realidade social da América Latina, os pobres não podem ficar ausentes do anúncio do Evangelho, que todo centro educacional católico é chamado a fazer.

A AMÉRICA LATINA: UM CONTINENTE DE GENTE DE FÉ

A América Latina caracteriza-se por ser um continente de gente de fé. Sem dúvida alguma, com uma fé elementar, distorcida, mas muito arraigada no povo simples.

Na maioria das nações Latino-americanas coexistem a piedade popular e o culto cada vez mais evidente dos ídolos atuais: o deus dinheiro conseguido não importa por que meios, o deus prestígio, o deus poder, o deus progresso...A educação, se quiser ser evangelizadora, precisa desmascarar, no quotidiano da vida, esses ídolos que têm foro de cidadania, a fim de apresentar a verdadeira religião e o verdadeiro Deus, dando lugar em setores populares à Igreja profética do Vaticano II, de Medellín e de Puebla.



A pobreza não tem limites

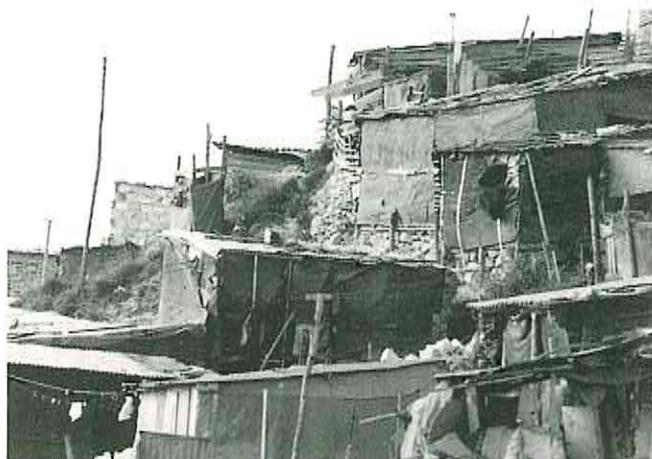
A AMÉRICA LATINA: UM CONTINENTE DE INJUSTIÇA

A injustiça tem foro de cidadania em nossa sociedade, exibe as mais variadas manifestações que vão desde os negócios ilícitos dos funcionários do governo, que se enriquecem à custa da nação, até a fraude comum entre os estudantes para obter uma nota melhor que qualifique não tanto o saber, mas a astúcia. Nesse tipo de sociedade injusta quase sempre triunfa o mais astuto. O pobre, que carece de formação para a astúcia, sempre leva a pior.

Aqui também impõe-se a «conversão educacional». É necessário reformular que tipo de homem, sem nos darmos conta talvez, estamos formando e quão longe estamos do homem que descrevemos em ideários e projetos educacionais. Todo centro educativo cristão deve irradiar uma carga muito grande de justiça na mensagem que transmite através do testemunho, da teoria e das realizações concretas.

PREMISSAS EDUCACIONAIS

1. Toda sociedade produz e organiza o sistema educacional que lhe permita reproduzir-se e perpetuar-se. Por isso,



Tudo serve para erguer um ranchinho

na hora de pensar criticamente no papel que desempenha a educação em um determinado contexto social, é necessário ver para que tipo de sociedade está servindo, que tipo de mudanças requer, quais são os mecanismos e os meios que as podem favorecer. Não se pode promover mudanças simplesmente quantitativas em uma sociedade cujo sistema é injusto; não nos podemos entregar à modernização da educação quando o que se pede é a mudança estrutural (Cf Silva. *Educação para a mudança*).

2. Na América Latina, educamos para uma ordem social injusta, como o definiu Puebla, que produz a miséria crescente. Isto nos interpela como educadores.

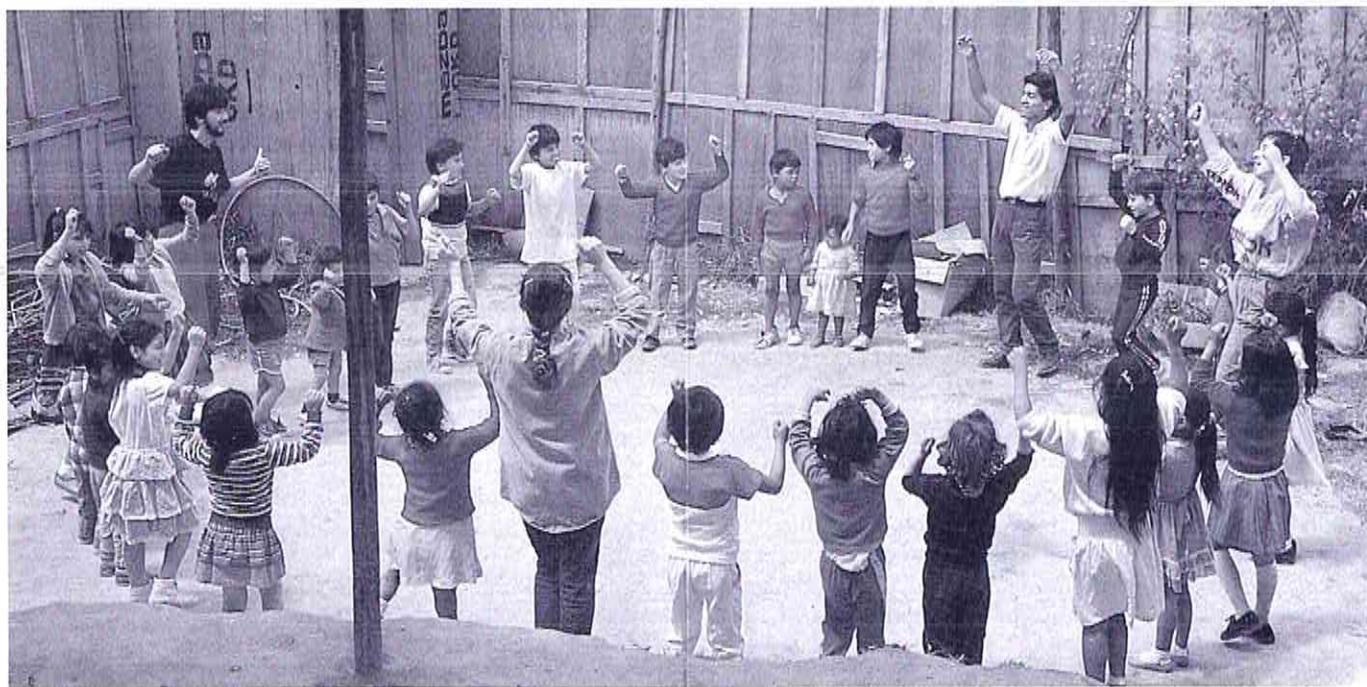
3. Precisamos promover uma reflexão lúcida e realista que nos permita descobrir simultaneamente a relevância e as limitações da educação como promotora de uma mudança justa, porque se é bem verdade que nem tudo de-

mina «PLANO NACIONAL DE SOBREVIVÊNCIA E DESENVOLVIMENTO INFANTIL».

Anteriormente, tinha imposto o serviço social de EDUCAÇÃO DOS ADULTOS.

O Colégio Champagnat, preocupado em dar uma formação social cristã a seus alunos, viu nessas duas exigências governamentais uma oportunidade magnífica para operacionalizar essa formação, comprometendo todas as faixas educacionais e implicando-as no trabalho comunitário como agentes de mudança.

Não queremos cumprir essas duas exigências do governo apenas como requisito acadêmico; queremos fazer delas o fio condutor da formação, reflexão e ação na educação para a Fé e a Justiça. Em outras palavras, queremos educar a partir dos valores sociais cristãos que o Evangelho nos fornece.



Jogando com os meninos, chegamos aos pais.

pende da educação, também é certo que sem a educação não existe mudança qualitativa (cf. *Clar 1-2 do 87, p. 10*).

4. A reflexão cristã que os educadores vêm fazendo, já faz algum tempo, a partir de Medellín, descobre uma conexão muito clara entre educação cristã e educação para a justiça. Uma educação inspirada no Evangelho não será válida nem autêntica se não formar homens de fé que a expressem por meio de obras de justiça.

PLANO: O POBRE É MEU IRMÃO

O governo da Colômbia, através do decreto 534 de 22 de fevereiro de 1985, impôs aos alunos do bacharelato a prestação do serviço social obrigatório que se deno-

Por isso, é necessário formar para a análise crítica da sociedade: estudar o problema da injustiça social e as estruturas que a sustentam; conhecer os mecanismos geradores da pobreza, que não é fruto da sorte, da preguiça, nem de desajustes sociais passageiros.

Esta análise da realidade deve fazer uma crítica das diversas interpretações dos fatos, um pouco conforme o estilo que o fez Puebla ao dar uma panorâmica do homem latino-americano (*Puebla 304-315*).

É fora de dúvida que os conteúdos programáticos façam eco com temas muito atuais e conexos com a justiça: a propriedade privada e a hipoteca social que pesa sobre ela, a ética individualista no uso dos bens, o recurso à violência e a luta de classes, relações entre trabalho e capital, direitos humanos e as liberdades pessoais, sindicais e políti-

cas, as teorias sobre o poder e a segurança nacional, o método de análise marxista da realidade, etc.

Desejamos que toda a instituição se comprometa na educação para a Fé e a Justiça semeando critérios, orientações e ações para que a dinâmica da justiça brote da fé e implique a vida de todos nós.

Na medida que tivermos dado passos com este propósito, iremos descobrindo que esta dinâmica exige uma educação política séria. Mesmo antes de concluir os estudos, nossos alunos vêm-se lançados no jogo político sem preparação específica alguma. O departamento social veio realizando um trabalho magnífico nesse campo: iniciação às eleições presidenciais com o estudo dos programas de governo dos candidatos; sessões do congresso da república para estudar projetos apresentados pelos próprios alunos; fórum sobre a situação da mulher, o desemprego, a dívida externa e a dependência econômica, juízes e tribunais superiores de justiça.

Os conteúdos programáticos das disciplinas, em geral, estão muito condicionados pelas disposições legais.

Sem forçar os objetivos próprios de cada matéria, é possível, a partir dos programas, influir na mudança de valores dos alunos, em sua mentalidade, em suas atitudes e hábitos, levando-os a desembocar num compromisso para a ação.

Procuramos estudar a história não apenas para uma visão dos vencedores e dos que detêm o poder, mas também dos vencidos, dos oprimidos, dos pobres e dos camponeses.

A geografia não pode prescindir do estudo dos problemas relacionais e expansionistas dos impérios, os interesses econômicos das metrópoles, o controle das matérias primas, os mecanismos das multinacionais.

Graças à presença de uma comunidade de Irmãs Missionárias Maristas no setor popular de Bogotá, o Diana Turbay, descobrimos um bairro de invasão, recentemente aparecido. Foi escolhido como lugar favorável para pôr em execução nossa preocupação de educar na justiça e para a justiça.

DESENVOLVIMENTO DO PLANO

Uma das características desenvolvidas na educação proporcionada no Colégio Champagnat é a preocupação de compartilhar com o marginalizado. Ao longo de dois anos, esta preocupação cristalizou-se com a fundação de escolas em setores paupérrimos, ajuda econômica por ocasião de catástrofes nacionais: terremotos, inundações, etc. Estas diversas atividades criaram um clima muito favorável no sentido de que todos nos sintamos comprometidos com o Plano de Educação para a justiça. O Plano cobre os quatro últimos anos da educação secundária, assim:

Primeiro ano: reconhecimento do lugar

Realiza-se mediante uma visita orientada de um dia a um bairro com uma ficha de observação que pretende levantar:

1. CARACTERÍSTICAS DO BAIRRO:

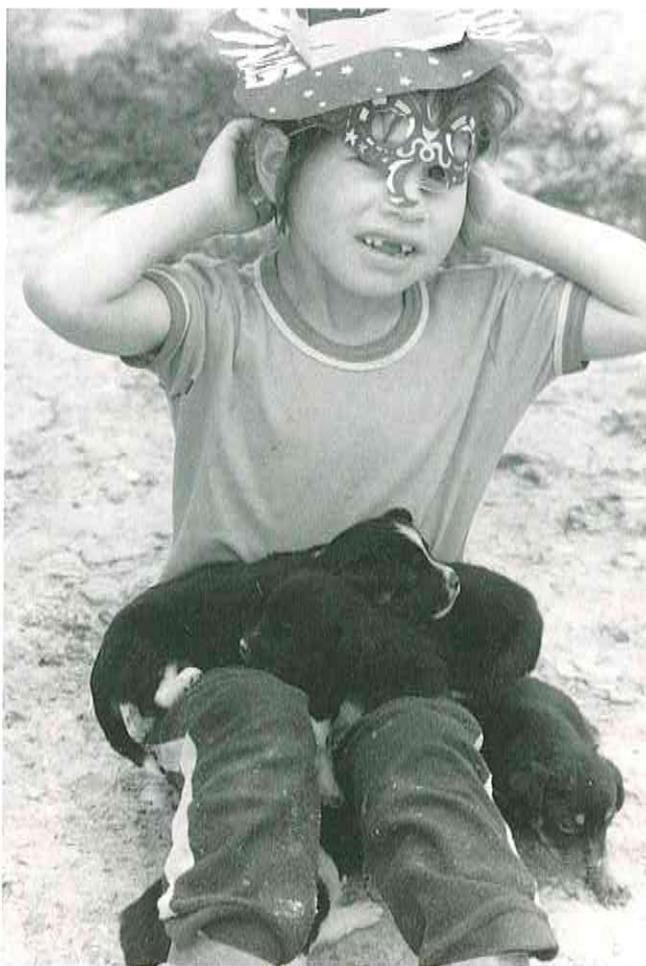
- Localização
- Por que tão longe?
- Características das vias de acesso
- Transporte público que serve ao bairro
- As ruas
- Os serviços públicos: água; luz; esgotos.

2. CARACTERÍSTICAS DAS MORADIAS:

- Organização das moradias no bairro
- Material empregado nas construções
- Distribuição das peças
- Qualidade dos serviços 'higiênicos
- Qualidade da cozinha
- Qualidade dos dormitórios
- Qualidade da mobília

3. CARACTERÍSTICAS DOS MORADORES:

- Procedência
- Aspecto físico
- Maneira de vestir
- Tipo de alimentação
- Nível cultural



Reflexão sobre o que foi verificado

1. O QUE OBSERVARAM:

- No bairro
- Nas moradias
- Nos moradores

2. POR QUE SE DÁ ESTE FATO:

Fatalismo:

- «Mau olhar»
- Gente sem sorte

Capitalismo:

- Não trabalham
- Gastam tudo na bebida

Socialismo:

- Estrutura sócio-política
- Que só dá oportunidade a alguns

Marxismo:

- A mais-valia

Ensino da Igreja por meio das encíclicas.

3. A POBREZA E O EVANGELHO



*Missa de primeira comunhão
ao ar livre porque não há igreja*

4. PSICOLOGIA DO MARGINALIZADO
5. METODOLOGIA DE TRABALHO COM O MARGINALIZADO
6. QUALIFICAÇÃO PARA O TRABALHO ESPECÍFICO NO BAIRRO DE LA PAZ:
 - Na saúde
 - Na formação

Segundo ano: trabalho no bairro

Confia-se uma família a cada aluno:

DEVE:

- Estabelecer a amizade
- Fazer o levantamento de seus problemas e necessidades,
- Escolher, de comum acordo, somente um problema para ser solucionado
- Apresentar ao coordenador do programa seu projeto de trabalho.
- Avaliar periodicamente o trabalho e o tipo de relacionamento com a família.

Terceiro ano: Formar o sucessor

Ao chegar a essa etapa, o estudante treina outro estudante para que seu trabalho com a família tenha continuidade, garantindo, assim, a seriedade do processo.

O aluno que começa com a mesma família pode escolher um problema diferente daquele do seu mentor.

Quarto ano: monografia final

Acreditamos que o estudante, que chegar ao final de seus estudos no curso secundário, apalpou uma realidade, recebeu toda uma série de elementos que lhe permitem ser crítico, a partir da fé, e, sem dúvida alguma, se porá toda espécie de interrogações sobre o sentido de sua vida em face da vida de tanta gente marginalizada, o sentido de sua qualificação humana como pessoa que teve a oportunidade de formar-se, de saber, de ter e de poder perante toda uma população colombiana posta à margem das mais elementares possibilidades de viver como seres humanos. Temos a intenção que a monografia final seja como a síntese de sua experiência e sobretudo a expressão de seu compromisso de ser pessoa em função dos que necessitam de sua riqueza humana, não importando a profissão que escolha, para o bem dos outros.

Os conteúdos da monografia final podem ser:

1. Estado Inicial da família (como a encontrou).
2. Estado final (como a deixa).
3. Descrição dos problemas encontrados.
4. Problemas selecionados e trabalhos durante os dois anos.
 - Êxitos,
 - Falhas,
 - Perspectivas de trabalhos futuros.

5. Interrogações que me põe a realidade vivida
6. Respostas cristãs perante essa realidade
7. Minha implicação vital e profissional partindo de minha posição privilegiada que tem, sabe e pode.

ACOMPANHAMENTO

Consideramos de suma importância não lançar o estudante em uma experiência dessa grandeza sem garantir-lhe um acompanhamento adequado que lhe permita entrar em contato com uma realidade, talvez desconhecida pela maioria, sem criar crises desnecessárias.

A Instituição educacional, por sua impregnação doutrinária e por sua vivência prática, irá semeando critérios orientadores, linhas de ação na aula e fora de aula.

Queremos garantir o acompanhamento específico da maneira seguinte:

1. Da parte das Irmãs Missionárias Maristas:
 - a) assessoramento na escolha das famílias.
 - b) Controle periódico do trabalho que os alunos realizam com determinadas famílias.
2. A partir da orientação específica de cada matéria no que se refira à dimensão, tanto na teoria como nos trabalhos práticos.
3. Assessoramento específico dos professores de:
 - Comportamento e saúde
 - Biologia e
 - Alfabetização e educação de adultos.
4. Acompanhamento periódico dos professores no Bairro La Paz.
5. Assessoramento de uma assistente social.

MECANISMOS DE CONTROLE

É importante que nesse tipo de trabalho existam mecanismos de controle que garantam um trabalho sério e, ao mesmo tempo, permitam avaliar o caminho que vai sendo feito para corrigir falhas e incrementar o que vai dando resultado. Até agora, temos pensado nos seguintes mecanismos de controle:

1. Confiar especificamente uma (1) família por aluno durante um período de 2 anos e meio.
2. O diagnóstico inicial da situação da família confiada.

Esse diagnóstico abrangerá:

- 2.1. Descrição geral dos membros da família
- 2.2. Descrição da moradia
- 2.3. Problemática detectada
- 2.4. Alternativas de solução
- 2.5. Plano de trabalho específico em: Vigias de saúde e educação de adultos.

3. Informações escritas periódicas.

- 3.1. No final da etapa de «aprendiz» (fim da 9ª série).

- 3.2. No final da segunda etapa (fim da 10ª série).
- 3.3. Ao concluir seu trabalho de serviço social.

ENVOLVIMENTO DAS FAMÍLIAS

Não temos dúvidas que, num meio social como o nosso, esse tipo de educação tem repercussão no âmbito familiar porque, necessariamente, os filhos comentam em seus lares a realidade social que descobrem e as orientações que vão recebendo para assimilar essa realidade.

A fim de não criar tensões inúteis entre as famílias e o colégio, informamos de maneira ampla, as famílias sobre o PLANO O POBRE É MEU IRMÃO, e, na medida em que os alunos vão-se adentrando no trabalho, suas famílias se vinculam ao plano apoiando-o e completando-o, ajudando os filhos, a partir das profissões que exercem.

CONCLUSÃO

Como comunidade educativa Marista do Colégio Champagnat de Bogotá, estudamos com muito carinho este plano porque, para nós, representa o desafio de tornar presente o Reino de Deus precisamente nos lugares onde se percebe a injustiça, o pecado social. Acreditar que é possível educar na Fé e Justiça é acreditar no poder de Deus, em sua encarnação entre os pobres e na capacidade que deu a nós cristãos de vencer o mal com a força do BEM.

Ir. Néstor Quiceno
Coordenador do Plano



Ensinamos-lhes o que sabemos

ABERTURA OFICIAL DO CENTRO INTERNACIONAL MARISTA NAIROBI (QUÊNIA), ÁFRICA (em 13 de novembro de 1989)

«Hoje, estou compreendendo a grande esperança e fé que os Irmãos Maristas estão pondo no futuro da Igreja e do Instituto Marista na frica e em Madagáscar.» Estas foram as palavras textuais dos Superiores religiosos que compareceram à cerimônia da abertura oficial do Centro Internacional Marista.

Aconteceu que o 13 de novembro de 1989 foi um desses lindos dias ensolarados, que parecem ter beleza especial na linha do equador, na altitude de 2000 metros. Tinham-se mal e mal passado três anos desde a aquisição da propriedade de Nairobi, em agosto de 1986.

O Irmão Charles, nosso querido Superior Geral, convidado de honra para a cerimônia, chegou de avião exatamente na hora de começar os festejos. O Irmão Powell, Conse-

lheiro Geral e Presidente do Corpo Diretor do MIC, chegou no dia anterior. A comunidade do MIC e os construtores tinham-se afanado durante toda a semana para aprontar tudo para o dia aprazado. Um dos aspectos positivos de uma data de inauguração fornece a cada um um limite final para aprontar os detalhes e os acabamentos necessários. Tudo se completou de modo admirável, exatamente como se queria.

Houve dois momentos solenes na inauguração: a cerimônia religiosa da bênção, presidida pelo Cardeal Maurice Otunga, Arcebispo de Nairobi, que teve lugar de manhã; a visita das instalações e a reunião festiva da comunidade com o Irmão Superior Geral, que se deu à tarde e à noite do mesmo dia.

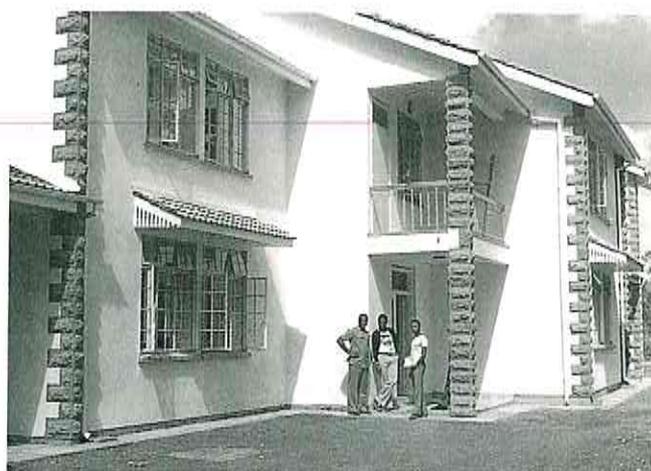


Alguns escolásticos diante da primeira moradia

A cerimônia religiosa consistiu na bênção da capela do Centro e das alas principais do prédio, seguida pela celebração da Eucaristia. O Irmão Luís Garcia Sobrado, Reitor, deu as boas-vindas e agradeceu a Sua Eminência o Cardeal e aos 300 convidados na entrada da capela. As cerimônias da bênção e da Eucaristia realizaram-se com grande solenidade e alegria. Vinte sacerdotes concelebraram com o Cardeal. Os jovens Irmãos encheram a nova capela com cantos harmoniosos e melodias variadas de seu rico repertório. Sua Eminência repetiu em público o que nos dissera tantas vezes em particular nas visitas de surpresa. «Estou satisfeito e grato pelo estabelecimento do Centro; trata-se de iniciativa providencial, seu objetivo vem a propósito e é necessário.»

A tarde foi uma celebração mais familiar. A comunidade desejou a intimidade de uma reunião festiva junto com o Irmão Charles Howard, para agradecer a ele e seu Conselho. Os jovens Irmãos expressaram isso com danças, cantos, apresentações com muita alegria e muitos dizeres em faixas. «Obrigado, Irmão Charles; sem sua visão esclarecida e corajosa; sem sua solicitude fraterna e contínua ajuda, nunca teríamos feito isso.» Os Irmãos repetiram em coro esses dizeres de diversas maneiras.

Em seu discurso de encerramento, o Irmão Charles desafiou a todos nós do MIC no sentido de fazermos do processo de formação, no Centro, um exercício em profundidade, repleto do espírito de Champagnat e dos primeiros Irmãos. O MIC destina-se a ajudar os jovens Irmãos Maristas da África e de Madagascar, de maneira efetiva,



Uma das residências atuais

para que possam responder aos desafios e às necessidades urgentes da juventude dessa parte do mundo.

«Não poupamos esforços, meios e pessoal», parecia que o Irmão Charles nos dissesse, «agora, devem ter a certeza de produzir frutos verdadeiros e duradouros na formação Marista.» O canto da Salve-Rainha, para concluir dia tão memorável, estava repleto do sentimento de que alguma coisa muito importante tinha chegado a completar-se e o início de outro grande desafio se nos apresentava.

Irmão Luís Garcia Sobrado

Vista parcial das novas construções



Procissão dentro da propriedade

5º ENCONTRO DE IRMÃOS ESCOLÁSTICOS DA ESPANHA E DA ITÁLIA



Nos dias 24 a 28 de setembro, a casa de espiritualidade que os Irmãos têm em Sigüenza (Guadalajara) converteu-se em local de encontro para os Maristas mais jovens da Espanha e da Itália, por ocasião do bicentenário do nascimento do Padre Champagnat.

Irmãos jovens que durante esses dias tornaram realidade a maneira jovem e atraente de viver a vida religiosa.

Houve muito tempo para tudo: momentos de convivência (refeições, desportos, passeios), momentos de apresentação e conhecimento em nível de pessoas, de comunidades e de províncias, momentos riquíssimos de oração compartilhada e, sobretudo, momentos de trabalho sério realizado fundamentalmente em pequenos grupos.

Motivados pelos Irmãos José Luís Ampudia e Esteban Ortega, nosso trabalho orientou-se para quatro direções: comunidade, missão, consagração e formação. Cada um desses temas vinha estudado e preparado previamente por um escolasticado que propunha aos grupos de trabalho uma dinâmica para abordá-lo.

No último dia, ao escutar as conclusões dos secretários dos grupos lidas perante a assembléia, tinha-se a impressão de que estavam sendo ditas coisas muito sérias e substanciais. Aqui estão algumas, extraídas das conclusões citadas:

Ao falar da **Comunidade**, os escolásticos vêem-na como um «dom para eles e para o mundo, querem senti-la como um lar, com o calor da família». Percebem, com muita clareza, que devem considerar mais o que dão à comunidade do que dela recebem. Gostariam de servir mais e de renunciar a muitas das comodidades que vêm aburguesando nossa vida. Admiram os Irmãos «que são abertos, que rezam e depois são conseqüentes, os que trabalham além do que são obrigados». Querem aplicar com «mais frequência o discernimento às atividades e às coisas de cada dia para estar mais de acordo com o ideal que tentamos viver».

Precisam viver sua **consagração** «como a opção fundamental», sendo «coerentes com ela». Desejam viver os votos «como algo positivo e avançar na descoberta da libertação que supõem». Crêem que devem «dedicar tempo

Crônicas do mundo marista

Àquele que amam» e que se não encontram momentos para isso é porque falta alguma coisa. Vêm a importância da «coerência entre o que se vive, se faz, se diz, porque então o quadro da vida torna-se mais atraente, questiona e interpela os jovens».

Sintonizam com a **missão** Marista: «nossa primeira missão é de evangelizar». Seu ideal é «estar com os jovens». Esperam que as Províncias «assumam suas preocupações apostólicas com os menos favorecidos», para assim «ser fiéis ao carisma do Padre Champagnat», porque «sentem o clamor dos mais carentes com urgência prioritária». Além disso, «querem ser destemidos ao proporem o opção pela vida Marista aos jovens». Não obstante, dão-se conta de que «a comodidade, o poder econômico, os faz muitas vezes não ser coerentes e perder o sentido da missão».

No que se refere à **formação** na qual estão imersos, sentem que «é uma tarefa que depende em grande parte de

nós mesmos, abertos à vontade de Deus e disponíveis às necessidades da Província». Desejam uma formação na qual «os valores teológicos, catequéticos... sejam considerados mais importantes». Estão conscientes que «vão ser educadores, não apenas alguém que ministra lições». Têm necessidade de um acompanhamento mais de perto, discreto, que saiba estar presente», conscientes de que «a formação é um processo permanente, de toda a vida». Reconhecem no «Guia de Formação um instrumento útil e muito válido.»

Para todos os participantes, o encontro de Sigüenza constituiu uma experiência enriquecedora na qual os jovens Irmãos provenientes das diversas Províncias constataram que o fato de ser Marista é alguma coisa que está viva, que é apaixonante.

Irmão Eugênio Sanz
Madrid



Presença marista em Nicarágua

NICARÁGUA

Nicarágua está, com muita freqüência, nas primeiras páginas do noticiário atual: conflitos de ordem política, embargo econômico, terremotos, eleições... Com seus 130 000 quadrados e quase quatro milhões de habitantes, tem uma densidade populacional bastante baixa, beirando os 27 habitantes por quilômetro quadrado. Trata-se de um dos países mais pobres da região, com a economia baseada na agricultura, sobretudo, algodão e café. Sob o ponto de vista étnico, 70% dos habitantes são mestiços, 16%, brancos, e 10%, negros e uma minoria índia de 4%.

Sob o ângulo Marista, a Nicaraguá faz parte da Província da América Central, geograficamente, uma das mais extensas do Instituto. Os outros países que constituem essa entidade administrativa são: Guatemala, Panamá, El Salvador, Costa Rica e Porto Rico. Essa Província tem algumas casas de formação na Espanha.

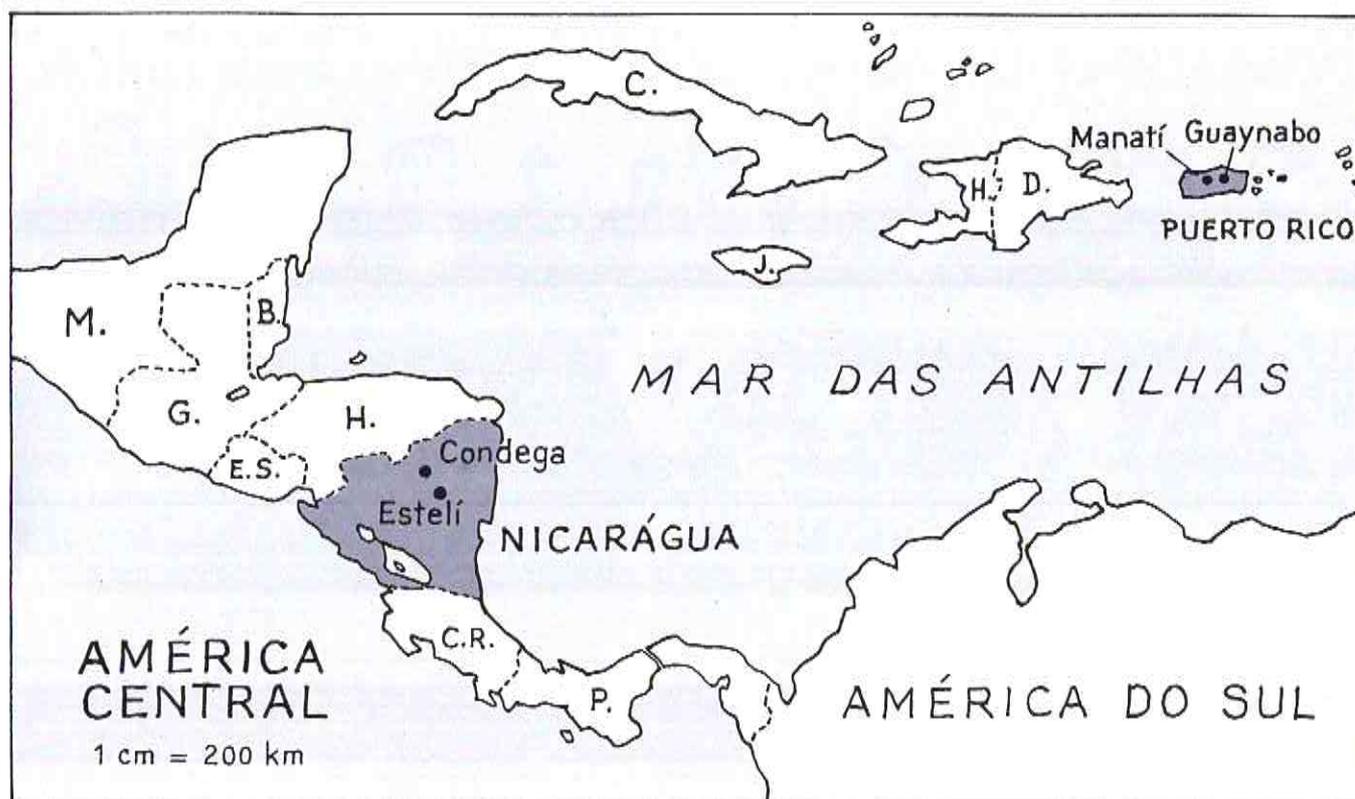
No país, há duas comunidades maristas: em Esteli e em Condega, ambas pertencentes à vasta diocese de Esteli, na qual só há vinte e três sacerdotes, dos quais nove são seculares, trinta e três religiosas e onze Irmãos Maristas distribuídos nas duas comunidades.

ESTELI

Esteli encontra-se a 146 quilômetros da capital, Manágua, na rodovia panamericana em direção a Honduras. Deve ter uns 30 000 habitantes, mas ninguém sabe ao certo. Parece-se com um grande povoado no qual nada existe que lhe chame a atenção. Os Irmãos vivem em casa alugada de um só piso, como são todas as demais. Ao entrar, tem-se a impressão de pobreza e simplicidade. Uma cruz de pedra, no centro do pequeno jardim que separa as casas, recorda o túmulo do Irmão Mariano Blanco, salvadoreño, assassinado aí mesmo em 1979, sem que se chegasse a saber muito bem de onde partiram os tiros, nos primeiros momentos de confusão.

São sete os Irmãos da comunidade. Chama a atenção a maravilhosa compenetração que existe neles, embora quatro tenham menos de trinta e cinco anos de idade e os outros três, mais de setenta e cinco. «A comunidade é para nós um valor prioritário, comentava um deles. Assim é que foi descoberto: temos opiniões diversas, mas não existem polêmicas; respeitamos as idéias diferentes que existem entre nós. Todos amadurecemos no seio da comunidade.»

A comunidade de Esteli compartilha a vida, os problemas e a incerteza do povo nicaragüense. Com sua presença e



abertura para todos fizeram um jeito de ser Irmão, de viver a vocação Marista. «Nicarágua, disse um dos jovens Irmãos, ajudou-me a viver melhor a vida religiosa. Vi nas pessoas daqui valores que não se encontram em outros lugares.»

Faz alguns anos, houve uma vasta campanha de alfabetização no país. Participaram diversos Irmãos. Os que estiveram envolvidos guardam uma lembrança inesquecível do tempo que passaram com o povo, levando a vida nas aldeias. Pode ser que um dos segredos do êxito dos Irmãos é que, fora de qualquer compromisso político, estiveram e estão com o povo. E isso, não com palavras bonitas, mas com a dura realidade.

Os Irmãos que trabalham no Instituto São Francisco recebem um salário do governo, como qualquer professor. Os que mais ganham, chegam aos vinte dólares por mês. A comunidade optou viver com esse ordenado, em solidariedade com o povo com o qual se encarnou. E não restam dúvidas, que com essa atitude, compreendem melhor a gente pobre. Essa, por sua vez, se dá conta que não existem despensas repletas na casa dos Irmãos e com eles reparte o que lhes possam oferecer: pão, leite, queijo ou verduras. À vezes, o Irmão Lucas, o «provedor» da comunidade, com seus 79 anos de idade, sai para a rua quando não há mais nada em casa e nunca regressa de mãos vazias. Os Irmãos Pedro e Mauro, com seus 80 e 76 respectivamente, falam e vivem com o mesmo entusiasmo de uma juventude que nunca os tivesse abandonado. O Irmão Mauro foi administrador da diocese. É um homem dinâmico. Fez a planta do colégio e da casa dos Irmãos. Registrou-as para arrecadar fundos para fazer as inúmeras reparações que deviam ser feitas após a guerra, por exemplo, a catedral, e para novas construções como o dispensário para atender aos mais carentes e ao seminário.

O Irmão Pedro é todo coração. Relaciona-se muito bem com as pessoas. Cada dia, fielmente, consagra umas horas para visitar os enfermos. Tem seus turnos bem planejados, conforme os bairros. Leva a comunhão, escuta, aconselha, vai deixando palavras de consolo, mensagens de paz. Ainda dispõe de tempo para atender a secretaria do bispado.

Um dos campos apostólicos dos Irmãos de Esteli é o Instituto São Francisco, exatamente em frente à residência comunitária. Os Irmãos tomaram a direção em 1970. É frequentado por 1040 alunos. De manhã, quatro Irmãos trabalham no curso secundário; de tarde, três ajudam no primário. De noite, vêm os adultos para os cursos organizados pelo governo. As dependências estão, pois, ocupadas durante todo o dia. Também estão à disposição os locais e o terreno para desportos ou para reuniões de toda espécie. As mensalidades pagas pelos alunos são simbólicas e todos podem pagá-las. Em geral, os estudantes pertencem às classe média e pobre.

Dão-se duas ou três horas de religião por semana. No curso secundário, são ministradas pelos Irmãos. No primário, os jovens do grupo REMAR e outros alunos maiores fazem a mesma tarefa. Como o ensino religioso é dado no



Irmãos da comunidade de Condega

início da tarde, os catequistas voluntários ficam no colégio, no final de suas aulas, para prestar esse serviço aos mais pequenos.

As famílias apreciam muito o colégio. Da mesma forma o ministério da Educação por causa da disciplina reinante e da seriedade como são feitos os estudos. No colégio, há mais alunas do que rapazes, porque estes, aos dezesseis anos, devem ir ao serviço militar obrigatório.

Os Irmãos, além da pastoral colegial, estão encarregados de uma paróquia, a de S. Antônio. São responsáveis pelo governo, animação e administração. Compreende nove bairros, de 150 a 350 famílias cada um e 25 comunidades rurais. Contam com a colaboração de dois sacerdotes para a administração dos sacramentos, sobretudo aos domingos e às quinta-feiras. Na zona rural, a chegada de um sacerdote não é regular. Os Irmãos receberam do bispo poderes extraordinários para esse trabalho pastoral: celebração da Palavra, distribuição da comunhão, administração do batismo, unção dos enfermos e matrimônio.

Na paróquia central, faz-se a catequese dominical com a participação dos jovens, a maioria do grupo REMAR.



Dois Irmãos de Esteli com alguns alunos

Freqüentam-na uns 400 meninos, de três níveis, de acordo com o esquema próprio da diocese: iniciação, primeira comunhão e perseverança. Na linha da formação, os Irmãos dão palestras em preparação do matrimônio, do batismo; colaboram na formação de catequistas e de «Delegados da Palavra», em nível diocesano.

A fim de atender às 25 comunidades rurais, dois Irmãos deslocam-se todos os domingos de manhã para a celebração da Palavra e a distribuição da Eucaristia. Organizam seminários para os catequistas e os responsáveis cristãos dessas comunidades.

É evidente que o bispo está plenamente satisfeito, pois tem nos Irmãos agentes pastorais de primeira ordem e colaboradores eficientes.

CONDEGA

Bastante menor do que Esteli, é um ambiente mais rural ainda. No horizonte próximo, as montanhas marcam a fronteira com Honduras. Esta situação geográfica faz de Conga um povoado estratégico. Um grande placar, à entrada, diz: «Condega, primeira cidade libertada pela Frente Sandinista de Libertação Nacional, em 1979.»

A comunidade marista é formada por quatro Irmãos, de quatro nacionalidades diversas, com a idade mediando os trinta e sete anos. A casa dos Irmãos, pobre e pequena, está no centro do povoado. É o lugar de encontro dos jovens.

Os Irmãos trabalham no Instituto César Sandino, situado fora da vila. Foi assumido pela Província em 1978. Atualmente, conta 776 alunos do secundário, distribuídos em dois turnos, diurno e noturno, ambos mistos. Dois Irmãos se encarregam da direção e outro, do ensino em tempo integral. Como em Esteli, os Irmãos são pagos pelo governo. Além disso, o ministério subvenciona o Instituto com 90%. Os alunos pagam muito pouco e isso permite que todos tenham acesso ao ensino. O turno da manhã inclui um programa técnico médio em contabilidade.

O Ir. José Antônio dirige uma celebração em El Coyolito (Esteli)



Os estudantes, católicos em sua maioria, são de origem rural e de poucos recursos. Gostam dos Irmãos, embora a mensagem cristã encontre neles uma base antropológica bastante deficiente. Contudo, graças à preocupação dos Irmãos com os jovens, estes vão-se aproximando cada vez mais da Igreja. Um Irmão coordena a catequese em todo o município que abrange Condega e quarenta e cinco comunidades. A preparação para a recepção dos sacramentos (primeira comunhão e confirmação) se concentra na paróquia.

Um Irmão foi delegado para coordenar vários projetos sociais: cooperativas apícolas, um coletivo de costura e repartição de víveres. Trabalha também nas recentemente criadas «Comissões de Paz», para dialogar com a gente dos «contra», estabelecer contatos entre os moradores da vila e seus familiares, refugiados em Honduras, e tentar a reintegração social dos que regressam.

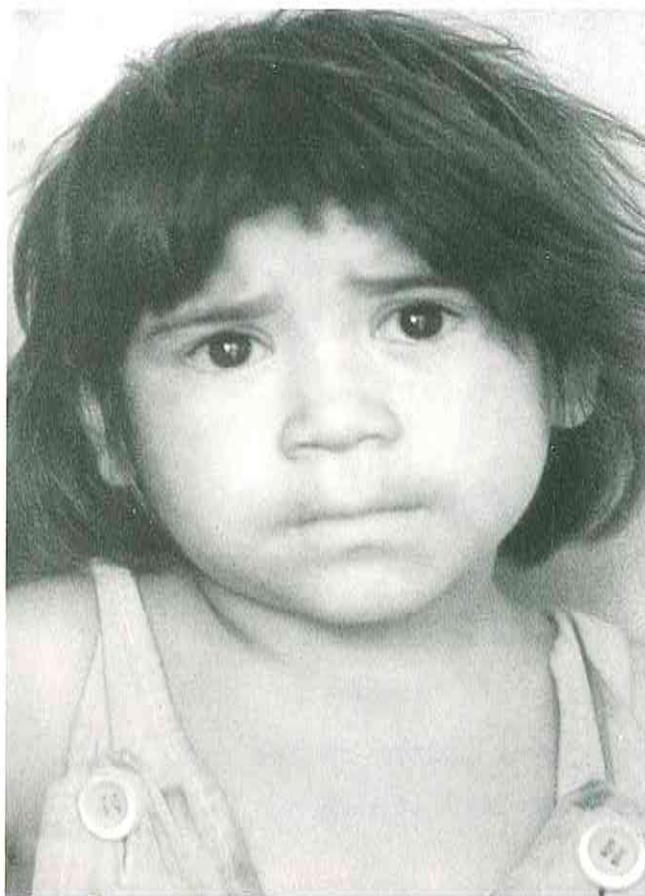
A forte politização do povoado fez com que os Irmãos vissem momentos tensos e conflituos; houve calúnias e acusações. Agora, respira-se um clima mais sereno. Os Irmãos são escutados e respeitados.

ESPERANÇA

Em Nicarágua, os Irmãos estão dando uma resposta ao que a Igreja e nosso carisma nos pedem. «Aí estão Cáli e nossas Constituições - comentava um dos Irmãos. A Pro-



Ir. Lucas, a «providência» de Esteli



víncia vai evoluindo para uma maior dedicação aos pobres e isso vai-se tornando nossa maneira normal de viver a vida marista».

Surgiram, até agora, cinco vocações nicaraguenses. E tal despertar vocacional dá-nos motivos de esperança. Três são Irmãos de votos temporários e dois estão no noviciado. Dizem os escolásticos que o testemunho dos Irmãos mais antigos e a abertura de outros campos de apostolado, além das escolas, foram fatores decisivos em seu processo vocacional. Deve-se ressaltar a influência do REMAR. Todos os aspirantes surgiram desse grupo apostólico.

Os jovens apreciam a abertura dos Irmãos. Também é certo que existem poucos lugares de lazer e, se isso favorece os contatos, obriga também a uma maior disponibilidade. O otimismo alia-se com a cautela na hora de discernir as motivações. Não se trata de ingressar nos maristas para fugir de uma situação difícil ou para livrar-se do serviço militar...

A vida cheia de compromissos de nossas comunidades maristas em Nicarágua anima e interpela. Os Irmãos pensam que não estão fazendo nada de extraordinário. Nem querem que se lhes dê publicidade. Eles que me perdoem. Dizem eles que, apesar de tudo, viver em Nicarágua é um privilégio. Estas linhas apenas querem compartilhá-lo.

Ir. José Maria Ferre

ATENÇÃO AOS APELOS DA IGREJA



- Exortação apostólica *Redemptoris Custos* (de São José).
- A pastoral vocacional (*Mensagem do Santo Padre*).

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA

«REDEMPTORIS CUSTOS»

A FIGURA E A MISSÃO DE SÃO JOSÉ

Quando o Papa publicou, há pouco, a exortação apostólica Redemptoris Custos (RC), a grande imprensa acolheu-a sem muito interesse. Alguns teriam, talvez, preferido uma declaração pontifícia sobre realidades mais concretas ou problemas mais específicos. Qual a utilidade, poder-se-ia pensar de voltar a uma «velha» figura à qual pouco novidade poderia ser ainda acrescida hoje?

E, no entanto, aí está a Redemptoris Custos que se nos oferece para completar a trilogia começada pela Redemptor hominis, seguida da Redemptoris Mater.

Nós, os Irmãos Maristas, somos interpelados por essa exortação? O artigo 76 de nossas Constituições diz-nos. «Conforme a vontade do Fundador, honramos São José, primeiro patrono do Instituto. Ele nos ensina o esquecimento de si próprio no serviço. Rogamos-lhe nos faça partilhar de seu amor a Jesus e a Maria.»

Não se trata apenas de um convite para reavivar seu culto e uma devoção feita somente de invocações, de novenas, de imagens ou de atos exteriores. Tudo isso é muito bom, se for o fruto de alguma coisa mais profunda e vital. A exortação apostólica vem ressaltar alguns aspectos essenciais de nossa consagração, que encontram eco nas Constituições e que poderiam concretizar-se em algumas palavras-chaves:

serviço, amor, vida interior.

«ESQUECIMENTO DE SI PRÓPRIO NO SERVIÇO»

Nossa missão na Igreja, que foi objeto da última Conferência Geral, é uma missão de serviço. «Nosso serviço de evangelização visa formar verdadeiros discípulos de Jesus Cristo» (Const. 86). «Colocamos nossa vida e nossos talentos a serviço da Igreja e do mundo, fazendo o bem sem alarde» (Const. 5). O Irmão Superior Geral nos lembra que «uma das forças mais destruidoras do sentido

da missão é a falta de disponibilidade apostólica». Não seria uma excelente ocasião de voltar a São José para que ele nos ensine «o esquecimento de si próprio no serviço?» (Const. 76).

«A atitude fundamental de toda a Igreja deveria ser a da escuta religiosa da Palavra de Deus, isto é, a disponibilidade absoluta de servir fielmente a vontade de Deus, revelada em Jesus. Desde o começo da Redenção da humanidade, achamos o modelo de obediência encarnado precisamente em José, depois de Maria» (RC, 30).

«São José consagrou-se inteiramente a servir o Verbo encarnado» (RC, 31) e nós aprendemos dele a servir a economia da salvação. Que São José se torne para todos nós um mestre singular no serviço da missão salvífica do Cristo que nos imcumba a todos e a cada um...» (RC, 32).



“Atenção aos apelos da Igreja”

«PARTILHAR DE SEU AMOR A JESUS E A MARIA»

A exortação retoma as palavras do Papa Leão XIII que, na *Quamquam pluries*, se refere ao amor paternal que são José votava ao Menino Jesus, que o uniu à Virgem Imaculada, Mãe de Deus (cf. RC, 31).

«Pelo sacrifício total de si, são José exprime seu amor generoso à Mãe de Deus, fazendo-lhe o dom esposálicio de si próprio. Na liturgia, Maria é celebrada como unida a José, homem justo, por laços de amor esposal e virginal. Trata-se, com efeito, de dois amores que representam juntos o mistério da Igreja, virgem e esposa, da qual o matrimônio de Maria e José é o símbolo» (RC, 20).

«Dado que o amor paternal de José não podia deixar de influenciar o amor filial de Jesus e que, reciprocamente, o amor filial de Jesus não podia deixar de influenciar o amor paternal de José, como chegar a conhecer em profundidade esta relação de fato singular? As almas mais sensíveis aos impulsos do amor divino vêem, de fato, em são José um exemplo luminoso de vida interior» (RC, 27).

«O sacrifício que José fez de toda sua existência às exigências da vinda do Messias, em sua casa, acha o justo motivo em sua insondável vida interior de onde decorrem, para ele, a lógica e a força próprias das almas simples e transparentes, das grandes decisões, como aquela de pôr logo à disposição dos designios divinos sua liberdade, sua vocação humana legítima, sua felicidade conjugal, aceitando a condição, a responsabilidade e o peso da família e renunciando, em proveito de um amor virginal incomparável, o amor conjugal natural que a constitui e a alimenta» (RC, 26).

O convite das Constituições é partilhar o amor de José a Jesus e a Maria situa-se neste contexto.

«Guiado pelo Espírito, Marcelino Champagnat foi cativado pelo amor de Jesus e Maria» (Const. 2). E «deixamo-nos conduzir pelo Espírito Santo no seguimento de Cristo casto, pobre e obediente...para que nossa resposta de amor se purifique progressivamente» (Const. 13).

Como aconteceu para José, «nosso voto de castidade nos insere mais profundamente no mistério da Igreja» (Const. 22). «Nos comprometemos numa relação de amor único e sem reserva com o Cristo. Renunciamos ao amor conjugal, à paternidade humana» (Const. 20).

O amor a Jesus e a Maria foram para José a fonte de sua vida interior, feita de oração e silêncio. Recordamos que «Jesus é tudo em nossa vida» (Const. 7), que «o Senhor só ele pode satisfazer nossa necessidade de amor» (Const. 24) e que «nossa relação de amor com o Cristo, Mestre e Senhor de nossas vidas, deve ser cultivada diariamente» (Const. 71).

«O TRABALHO, EXPRESSÃO DO AMOR»

A exortação apostólica, embora seja bastante breve, consagra um capítulo inteiro ao trabalho, sendo que o título já é eloquente: o trabalho, expressão do amor. O Papa da «*Laborem exercens*» retorna ao mesmo assunto:

«Uma das expressões quotidianas do amor na vida da Família de Nazaré é o trabalho. O texto evangélico precisa que José era carpinteiro...A obediência de Jesus na casa de Nazaré é também compreendida como uma participação no trabalho de José... O trabalho humano, em particular o trabalho manual, toma um cunho todo especial no Evangelho...Graças a sua oficina onde exercia seu mister ao mesmo tempo que Jesus, José tornava o trabalho humano próximo ao mistério da Redenção» (RC, 22).

«Trata-se, em definitivo, da santificação da vida quotidiana...São José é o modelo dos

humildes, que o cristianismo eleva aos grandes destinos; é a prova que, para ser bons e autênticos discípulos de Cristo, não há necessidade de “grandes coisas”: são necessárias apenas as virtudes comuns, humanas, simples, mas verdadeiras e autênticas» (RC, 24).

Não é isto uma interpelação para nossa vida marista? «Nosso espírito de família espelha-se no lar de Nazaré e constrói-se de maneira especial no amor ao trabalho que sempre nos caracterizou» (Const. 6).

«Os Irmãos encarregados de trabalhos manuais cooperam no apostolado do Instituto» (Const. 85). E o capítulo sobre a formação nos lembra que «O trabalho manual, no espírito de nossas origens, contribui para o equilíbrio da formação» (Const. 99).

«Vivemos concretamente a pobreza pessoal e comunitária levando vida laboriosa e sóbria» (Const. 32). É justamente nesse capítulo sobre a pobreza que a imagem de José retorna nas Constituições: «Com José, o carpinteiro, ela (Maria) convive com as pessoas simples de Nazaré» (Const. 30). Penso que o desafio lançado por nossas Constituições vai além de um simples trabalhar PARA os pobres, para nos convidar a trabalhar COM eles: «Nossa preferência é para com os pobres, com os quais partilhamos nossa vida e nosso trabalho» (Const. 167). Essa atitude está em linha direta com nossa tradição marista desde as origens «Amamos os pobres, nosso Fundador quis enviar-nos a eles, de preferência, sem excluir ninguém. Seus primeiros discípulos, por sua vida austera, permaneciam próximos daqueles aos quais se dedicavam» (Const. 33).

Que são José, patrono da Igreja de nossos tempos (RC, cap. VI) e primeiro patrono do Instituto (Const. 76), nos ajude a reavivar nosso carisma e o sentido de nossa missão.



A PASTORAL VOCACIONAL

Trechos da Mensagem do Santo Padre, à luz de nossas Constituições

As vocações podem e devem florescer no clima educativo da escola, em particular, no da católica. Esta, com efeito, tem o mandato da parte da Igreja, para contribuir à formação integral do homem e do cristão e, por isso, é chamada a favorecer os gérmenes da vocação que o Espírito Santo deposita na alma dos jovens; e por sua natureza deve, de igual maneira, cooperar na preparação de pessoas capazes de anunciar o Evangelho em termos acessíveis à cultura de hoje.

A multiplicidade e a contradição das mensagens culturais e dos modelos de vida que impregnam o ambiente em que vive a juventude ameaçam afastá-la dos valores da fé, mesmo quando cresce em famílias cristãs. A escola católica não se limita a dar uma formação puramente doutrinal, mas propõe-se fornecer aquele ambiente educativo em que é possível viver a experiência comunitária da fé, da oração e do serviço. Isso pode ter um papel importante e decisivo no sentido de assegurar aos jovens uma orientação de vida inspirada na sabedoria do Evangelho.

Em nossas escolas, organizamos cada ano um programa pastoral, em sintonia com a comunhão eclesial. Tal programa leva em conta, sobretudo, o que se refere aos movimentos apostólicos e à educação da fé: catequese, oração, sacramentos (Cons. 87.1).

O testemunho solidário de uma comunidade educativa e o clima de fé que nela se respira constituem o serviço peculiar que a escola católica deve prestar à formação cristã da juventude.

O testemunho de nossa consagração, de nossa vida simples e alegre numa comunidade solidária de pobres é o melhor convite ao seguimento de Cristo (Cons.94).



A educação proporcionada na escola católica, devendo formar no sentido cristão da vida, não poderá esquivar-se de abordar o problema da opção vocacional. O que significa preparar para a vida senão ajudar a tomar consciência do projeto divino que cada um traz gravado dentro de si? Educar quer dizer ajudar a descobrir a própria vocação na Igreja e na sociedade humana.

Deus tem para cada homem um desígnio de amor que ele lhe revela através de chamados sucessivos...Como Igreja descobrimos o ideal evangélico e o fazemos acontecer (Cons. 92).

Apresentamos-lhes o Cristo, a Verdade que liberta, ele que chama a cada um pelo nome. Ajudamo-los a descobrir sua vocação na Igreja e no mundo (Cons. 83).

Uma escola que educa deve falar da vocação não sómente de forma geral, mas indicando as diversas modalidades nas quais se concretiza o chamado fundamental para o dom de si, compreendido como uma entrega total à causa do Reino de Deus.

Ajudamos os jovens no desabrochar da graça de seu batismo por um compromisso mais radical pelo Reino, no laicato, na vida consagrada ou sacerdotal (Cons. 93).

A escola católica prestará ajuda valiosa na escolha vocacional, trazendo motivações, favorecendo experiências e criando um ambiente de fé, de generosidade e de serviço.

Convidamo-los a estarem atentos às necessidades dos homens, a abrirem o coração à vontade do Pai, a crescerem numa atitude marial de disponibilidade (Cons. 93).

A escola católica, respeitando a livre eleição dos jovens e a autonomia das disciplinas escolares, no conjunto de seu projeto educativo, deve ter sempre presente as necessidades e as esperanças da comunidade eclesial, entre as quais, em primeiro lugar, se encontram as vocações religiosas e sacerdotais.

A pastoral vocacional está aberta às necessidades da Igreja e organizada em sintonia com a diocese (Cons. 93.1).

Dirijo um pensamento especial aos jovens que freqüentam as escolas católicas...Aprendam de sua escola aquela integração entre a fé a cultura tão difícil de conseguir num am-

"Atenção aos apelos da Igreja"



biente social não sempre imbuído dos valores cristãos. Aprendam, sobretudo, a fazer uma síntese construtiva entre fé e vida.

A escola marista oferece às famílias uma proposta educativa em que se harmonizam fé, cultura e vida, na óptica de Marcelino Champagnat. Essa proposta insiste nos valores de esquecimento de si mesmo e de abertura aos outros (Cons. 87).

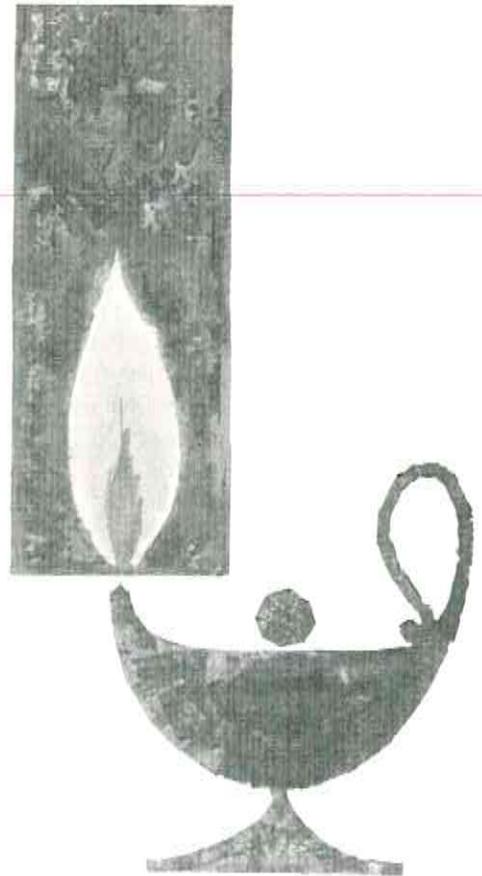
As vocações para uma consagração especial evidenciam explicitamente a vocação batismal; alimentam-se, crescem e firmam-se mediante uma atenção séria e constante à vida divina recebida no batismo e com a utilização dos meios que favorecem o pleno desenvolvimento da vida interior e levam a uma opção de vida dedicada totalmente à glória de Deus e ao serviço dos homens. Tais meios são:

- A escuta da Palavra de Deus.
- A Participação sacramental, sobretudo a Eucaristia.
- O sacramento da Penitência.
- A oração pessoal.
- A direção espiritual.
- O amor filial à Santíssima Virgem.
- O esforço ascético.

Animamos os movimentos apostólicos nos quais os jovens podem encontrar clima que facilite sua resposta ao chamado do Senhor (Cons. 93.2).



NOSSOS DEFUNTOS



AMEZCUA ESQUIVEL, José (Juan Auspicio)	80 S	MORELIA, Mexique	06.03.89
BARTEL, Hubert (Ehrenfried)	71 P	FURTH, b. L. Allemagne	01.04.89
HOGG, Georg (Felicianus)	80 S	FURTH, b. L., Allemagne	02.04.89
FRECHETTE, Rosario (Rosario Joseph)	88 S	IBERVILLE, Q. Canada	02.04.89
TAMIGNIAUX, Jules (Louis Jules)	85 S	Mt. St. GUIBERT, Belgique	06.04.89
KALBERMATTEN, Karl (Aribert)	64 S	SION, Suisse	07.04.89
CORONA MADERA, Darío (Darío Luis)	82 S	MORELLA, Mexique	12.04.89
CARROT, Frédéric Marie (Laurent R.)	70 P	ST. CHAMOND, France	15.04.89
MIGUEL VALLEJO, Ireneo (Tomás A.)	62 P	VALLADOLID, Espagne	15.04.89
RODRÍGUEZ GÓMEZ, Elías (Elías M.)	91 S	MORELIA, Mexique	15.04.89
VIACELLI, Luiz João (Tobias Angelo)	65 P	PORTO ALEGRE, Brésil	15.04.89
DRAYSON, Francis Paul (Joseph V.)	81 S	NEGOMBO, Sri Lanka	16.04.89
ORTEGA DEL CAMPO, Alejandro (Jorge A.)	74 S	BEALMÁDENA, Espagne	24.04.89
IDROBO, Serbio (Pío Miguel)	87 S	POPAYÁN, Colombie	27.04.89
SCOTT, John Joseph (Lambert Adrian)	82 S	AUCKLAND, N. Zélande	01.05.89
RABANAL RODRÍGUEZ (Ernesto Luis)	86 P	LEÓN, Espagne	05.05.89
KELLY, Patrick Francis (Xavier J.)	81 P	DARLING HURST, Australie	08.05.89
GUIMOND, Joseph Georges (Cletus R.)	73 S	MIAMI, États-Unis	08.05.89
BERWICK, Juan	50 S	BUENOS AIRES, Argentine	17.05.89
MICHELENA ARRAIZA, Jesús (Pablo A.)	73 P	LARDERO, Espagne	29.05.89
PUJOL JUVENTENY, Jaime (Tomás María)	86 S	LES AVELLANES, Espagne	04.06.89
DE LA PARTE MARTIN, Andrés (Serviliano)	82 S	VIGO, Espagne	11.06.89
MULLER, André (André Léon)	91 P	ST. GENIS LAVAL (France)	17.06.89
HAZLETT, James (Romanus Peter)	76 P	CAMPBELLTOWN, Australie	20.06.89
DE OLIVEIRA DUTRA, Astrogildo (R. Vital)	78 S	CAMPINAS, Brésil	21.06.89
LEICHTNAM, Pierre (Godefroy)	81 S	BEAUCAMPS, France	22.06.89
LINEEN, Michael	47 P	GUADALAJARA, Mexique	25.06.89
MURAT, Marcel J. M. (Paul Damien)	63 P	N. D. de l'HERMITAGE, France	27.06.89
CLAUSSNER, Eugène (Paul Eugène)	81 S	S. FOY-LES-LYON, France	29.06.89
ARMIÑO ARMIÑO, Julio (Juan Epifanio)	77 S	SANTIAGO, Chili	30.06.89
BARGIANO, Guillermo (Guillermo Abel)	74 S	BUENOS AIRES, Argentine	01.07.89

TORRES BENÍTEZ, Manuel José (Manuel O.)	86 S	MORELIA, Mexique	02.07.89
GÓMEZ OLEA, Aristides (Lupicinio)	64 P	BENALMÁDENA, Espagne	09.07.89
GONZÁLEZ CUADRADO, José M. ^a (Javier F.)	70 S	BUENOS AIRES, Argentine	18.07.89
GLASS, Kevin George (Salvius Henry)	72 S	SYDNEY, Australie	01.08.89
LÓPEZ COSGAYA, Jesús (Arsenio José)	82 S	LARDERO, Espagne	01.08.89
PALMADA POCH, Vicente (Apolonio)	83 S	GERONA, Espagne	07.08.89
PUEBLA BARCENILLA, Florencio (P. Tomás)	66 P	PALENCIA, Espagne	07.08.89
SCHMID, Johann Josef (Joseph Flavius)	67 S	FURTH, b. L., Allemagne	07.08.89
FERNANDO Solomon (Joseph Patrick)	66 P	RAGAMA, Sri Lanka	09.08.89
CORTEZ DANTAS, Mauro (Ricardo Tadeu)	65 P	RECIFE, Brésil	12.08.89
SOON KUAN HANG (Joche Chanel)	71 S	SINGAPOUR	17.08.89
SOBRINO HERRERO, Dámaso (Jorge L.)	73 S	TOLEDO, Espagne	23.08.89
DOUCET, René (Victor Basile)	78 P	S. ANNE DE BEAUPRÉ, Canada	28.08.89
GAGNON, Onésime (Barthélemy)	93 S	S. ANNE DE BEAUPRÉ, Canada	02.09.89
BRENNAN, Thomas (Kieran Thomas)	72 S	NEW YORK, États-Unis	05.09.89
ÁLVAREZ GONZÁLEZ, José (J. Gilberto)	74 S	MADRID, Espagne	07.09.89
VANDER VENNET, Camille (Léon Prudence)	65 P	S. ANDREAS LUBBEEK, Belgique	16.09.89
SIMON, Henri (Paul Sébastien)	96 P	ST. GENIS LAVAL, France	25.09.89
CORNELLO, Spiridion (Marie Spiridion)	83 S	VARENNES S/ALLIER, France	25.09.89
PERREAULT, Philippe (Régis Alphonse)	83 S	IBERVILLE, Q. Canada	27.09.89
PLOUFFE, Elphège (Elphège)	67 P	VERDUN, Q. Canada	28.09.89
MARTINS, Felipe (Porfirio Edmar)	61 P	TAGUATINGA, Brésil	08.10.89
MALOUIN, Omer (Charles Omer)	90 S	IBERVILLE, Canada	13.10.89
CONDE SUÁREZ, Manuel (Felisindo)	68 P	ORENSE, Espagne	14.10.89
MORA LOMELI, Salvador (José Salvador)	88 S	MORELIA, Mexique	14.10.89
MURILLO ROCHA, Benjamín (Pedro Damián)	52 P	TEPIC, Mexique	16.10.89
CHAZALON, Fernand (Artémidore)	88 P	ST. PAUL-3-CHÂTEAUX, France	17.10.89
HOWLEY, Cletus (Benildus)	65 P	MITCHELL PARK, Australie	25.10.89
VIEIRA D'AVILA, Dorval (Bento Labre)	77 P	CURITIBA, Brésil	27.10.89
VASER, Giorgio	89 P	VELLETRI, Italie	29.10.89
MERINO RAMOS, Segundo (Juan María)	79 S	LARDERO, Espagne	30.10.89
ECHVERRÍA MENDÍA, Manuel M. ^a (Melchor)	86 S	SEGORBE, Espagne	09.11.89
GARCÍA CAVERO, Clemente (Mario Cl.)	79 S	ROXOS, Santiago, Espagne	12.11.89
WALL, Vincent (Leo Vincent)	85 S	MIAMI, États-Unis	17.11.89
MAYR, Johann (Evariste Louis)	79 S	FURTH, b. L., Allemagne	18.11.89
PLOUFFE, Armand (Gabriel Armand)	86 P	HAUT-RICHELIEU, Canada	23.11.89
SOLDATELLI, Adolfo (Teófilo Nestor)	70 P	CHAPECO, Brésil	26.11.89
JAUNAY, Marcel (Damascène)	83 S	VARENNES S/ALLIER, France	05.12.89
FUSANI, Mario (Epifanio Simón)	68 S	DARREGUEIRA, Argentine	11.12.89
ROVIRA SERRABASA, Juan (Lorenzo A.)	75 S	CHOSICA, Perou	14.12.78
STADLER, Josef (Gottlieb)	83 S	SANTA MARIA, Brésil	16.12.89
GOOS, Wilhelm (Egried)	82 S	FURTH, b. L., Allemagne	26.12.89
POISSON, Fernand (Louis S. Ernest)	74 S	IBERVILLE, Q. Canada	27.12.89
IZQUIERDO PASCUAL, Gregorio (Gil A.)	66 S	CHICHICASTENANGO, Guatemala	28.12.89
MURPHY, Redmond Dwyer (Elcar)	80 P	SYDNEY, Australie	01.01.90
FANK, Hubert (Ausonnius)	76 S	MALMEDY, Belgique	16.01.90
CREIGHTON, James (Regis James)	79 S	MIAMI, États-Unis	21.01.90
FULTON, Herbert Francis (Bernard P.)	81 S	LOWER HUTT, Nlle. Zélande	24.01.90
ALONSO FERNÁNDEZ, Román (Román José)	87 S	BENALMÁDENA, Espagne	31.01.90
LAFRANCE, Lucien (Pierre Lucien)	64 P	IBERVILLE, Canada	01.02.90
WEBER, Théodore (Louis Kostka)	91 P		05.02.90
ROMAND, Jean Jules (Jean)	72 S	ST. CHAMOND, France	06.02.90
BERRUTO, Giuseppe C. (P. Adrien, PETER)	95 S	ROME, (Maison Gén.)	12.02.90
SCHALLER, Paul Joseph (Roger Adrien)	82 S	FRIGOURG, Suisse	13.02.90
FRAINER, Mário (Hilário M.)	77 S	CURITIBA, Brésil	21.02.90



Asamblea marista del Cono Sur. Pilar (Argentina), noviembre de 1989

CURSO DE FORMADORES. San Lorenzo de El Escorial. Febrero-junio 1988

Fila superior: Aureliano Brambila (Méx. Occ.), Rubén Romo (América Central), Ivanor Pereira (Río de Janeiro), Manel Castillo (Cataluña), Pablo González (Perú), Teódulo Pérez (Cataluña), David Aranda (Levante), Luis-Antonio Martínez (Norte), Amancio García (Madrid), José-Manuel García (Madrid), Isidoro Buezo (Castilla), Joventino Laquini (Río de Janeiro), P. Guillermo (capellán), Baptista Santos (Río de Janeiro).

Fila inferior: José Granja (Cataluña), Esteban Sánchez (Ecuador), Enrique Hurtado (Cataluña), Rufino Sánchez (Luján), Paulino Jacob (São Paulo), Charles Howard, S.G., Benito González (Madrid), Fco. Javier Ocaranza (Méx. Occ.), Javier Salazar (Levante), José Luis Ampudia (León), Darío Bortolini (São Paulo).





GRUPE FRANCOPHONE DE SPIRITUALITÉ. Septembre-novembre, 1989

Debout: Frères Richard Féchir, Arthur Duguay, Joseph Marth, Georges Garrel, Ireneu Martim, Roland Leclerc, Roger Pelchat, Roger Marragou, Armand Laflamme, Joseph Richard, Bernard Descroix, Jean-Guy de la Sablonnière, Louis Richard.

Assis: Frères Alfredo Damian, Pierre Bailleul, Ignace Mertès, Claude Lavallée, Charles Schmidt, abbé Charles Cauty, Armand Morin, Stephen Minogue, Marcel Soutrenon, François Weber, André Noll, Xavier Behr, Léonce Lagier.

1989 ENGLISH-SPEAKING RENEWAL GROUP (NEMI)

Back Row - Left to right: David Hayes, Terrence O'Rourke, Brian Wanden, Reg Keating, sm, Anthony Huck, Graeme Lawler, John McDonnell, Dominic O'Sullivan, David McLeish, Donnell Neary, Donald Newton.

Front Row - Left to right: Geoffrey Marshall, Hugh Turley, Paul Kelly, Desmond Quirke, Bernard O'Malley, Charles Howard, sg, Peter Walsh, Brian Mackenzie, Shanthi Liyanage, Rene Reyes, John Byrd.



SESSIONS DE SPIRITUALITÉ